

DIANA MONTEIRO & RAFAELA DJANIRA

# Crônicas

DE UM HOTEL

Copy por TDE Editora

**Título:**

CRÓNICAS DE UM HOTEL

**Autor/s:**

Diana Monteiro e Rafaela Djanira

**Editor/s:**

Jovens Escritores Angolanos

**Imagens:**

Ney Pascoal e Pedro Poddí 10

**“Nenhuma parte deste livro não podem ser reproduzidas sem a autorização prévia da editora.”**

*“ Julgamos o comportamento e pensamento de cada sem saber as suas verdadeiras origens. As vezes, uma boca aberta pode estar numa cabeça vazia, como um corpo delineado pode ter sido moldado, com sequelas do passado”.*

*- Diana Monteiro e Rafaela Djanira.*

## Índice

Primeiro Capítulo.....	10
Segundo Capítulo.....	20
Terceiro Capítulo.....	44
Quarto Capítulo.....	56
Quinto Capítulo.....	81

## **Agradecimentos**

Primeiramente agradecemos a Deus, entidade suprema que, concebeu o dom da vida, neste ponto de vista e reflexão, permitiu-me que eu o brinde com esta obra, em segundo agradecemos as nossas famílias. Tendo em conta que a mesma pode ser por laços sanguíneos e emocionais, portanto agradecemos em ambas.

As nossas famílias sanguíneas e, a nossa família emocional (J.E.A). Sem esquecer que, isso não seria possível sem o companheirismo, auxílio e apoio dos Jovens escritores angolanos (J.E.A) acima já mencionados e da TDE, nossos “irmãos”. Agradecendo em nome da mesma (J.E.A) pelo suporte investido em nós.

A todos que autorizaram que, seus nomes e fragmentos de suas histórias fossem aqui relatadas.

Ao Ney Pascoal por todo trabalho gráfico, muito eficaz e pela paciência de seguir ao pé da letra as nossas exigências.

E, a si querido leitor. Por dar-nos um pouco da sua atenção e baixar esta obra, lê-la e dar-nos o seu apoio, sendo ele positivo ou negativo, pois, não temos como agradecer a não ser dando-lhe um pouco de nós em cada trabalho literário nosso.

## Prefácio

***Crônicas de um hotel*** é um conjunto de contos eróticos... por favor, preparem as mentes. A nossa investigação, para a criação deste livro está baseada na atual maneira comportamental de alguns jovens da nossa sociedade.

Os contos presentes neste livro, por sua vez, contêm lições de moral, porém, diferenciados. Os mesmos estão focados em um ponto de vista social e pessoal. Vive neles um espírito de prazer, admiração, atração e muito mais.

Caros leitores, o escrito mostra alguns cenários que têm acontecido, por isso, a interpretação de A à Z está na opção de cada um de vós, lembrando que o mesmo está aberto à críticas e sugestões bem fundadas.

## Introdução

Atualmente vivemos em sociedade frágil e imediata, que deixa os desejos e emoções do momento falarem mais alto que a razão, mas, até que ponto é que isso acontece?

Na cidade de Luanda, na região da Maianga, localiza-se o hotel Diamante Bruto. Hotel este que existe há mais de 15 anos, pertencendo à família Britos. É muito visitado por turistas e residentes da região, por ser um hotel glamoroso, mas a pergunta que não se quer calar, o que acontece dentro deste hotel?

Um hotel, é sempre um lugar onde *“nunca acontece nada mesmo acontecendo tudo”*, mas, ao contrário dos outros, neste acontece tudo.. Tudo prazeroso.

No Diamante Bruto, contrata-se por decisão do indivíduo que queira fazer parte do elenco e não por opção do gestor. Por que? O que acontece lá que causa tanto impacto assim? Serão os hóspedes, ou os trabalhadores? ...

# Primeiro Capítulo



**Por Diana Monteiro e Rafaela Djanira**

*“ O peso das nossas decisões, podem ser fatais para nós, ou para outrem “*

*Diana Monteiro.*



## Ana, a filha do chefe

Eu sou a Ana Brito, sou a filha do dono do hotel Diamante Bruto. Tenho 18 anos mas não parece. Tenho o corpo muito desenvolvido, tenho seios grandes e um rabo grande, uma cintura pequena, cabelos longos e uso excessivamente maquiagem.

A minha mãe era prostituta. Ela fazia parte do tráfico de mulheres do antigo chefe do meu pai, porém, quando o meu pai a conheceu apaixonou-se e ajudou-a. Tentou tirar-lhe daquela vida, porém, **vícios são vícios**, e ela não saiu.

Ela saía todas as noites e voltada de manhã, as vezes, voltada dias depois, mas no princípio o meu pai não notava porque ele era um homem ocupado, muito mais que agora. As vezes, a minha mãe levava os homens lá para casa, inocente ela era pensando que o meu pai nunca saberia.

Uma vez, aos meus 12 anos, eu encontrei a minha mãe a ser fodida por um homem que não era o meu pai, então, eu entrei no quarto e ela mandou-me embora, porém, o homem mandou-me entrar e eu entrei, ele disse pára eu me sentar perto da minha mãe na cama e tirar a roupa, mas a minha mãe dizia para eu não fazer então fiquei apenas parada diante deles. Ele deu uma chapada na minha mãe e ela caiu, ele pegou-me e tirou-me a roupa, a minha mãe somente olhava, chorando, então, ele mandou-me ajoelhar, se não ele bateria na minha mãe e eu fi-lo.

Meteu o seu pênis em frente à minha cara e mandou-me chupá-lo, eu olhava para a minha mãe e ele gritava para eu fazê-lo e eu fi-lo. Chupei-o e ele pegou no meu queixo, apertando-o, e abanando o seu pau, batendo-o na minha língua, quando, senti um gosto estranho e ele mandou-me engolir, eu quase vomitei, quando, ele mandou-me ir para a cama, e eu fui, deitei de rabo para cima e ele foi levantar-me mais o rabo, mandou a minha mãe fazer o mesmo perto de mim, e começou a fodê-la, ela gemia e enquanto isso, ele metia dedos na minha vagina, masturbando-me e quando bem lubrificada fiquei, ele tira o seu pau da minha mãe e põe-me, fodendo-me e dizendo que era muito apertado, quase gemendo. Então ele fez isso, fodia-me e fodia a minha mãe, até que eles tiveram orgasmos, eles, menos eu.

Ele se foi embora e a minha mãe disse que eu não podia dizer nada ao meu pai. Eu disse que estava bem, isso foi acontecendo até aos meus 15 anos. Numa noite, o meu pai chegou de surpresa e encontrou a minha mãe com outro homem na cama, ele não hesitou. Prontos, começou o barulho em casa! – disse eu. Eu descí e fiquei atrás da porta, o meu pai bateu o senhor, foram socos e bicos no abdómen do mesmo e depois, sacou a arma, deu -lhe um tiro e quando olhou a minha mãe, apontou-lhe a arma na cabeça, *eu queria ter entrado, ou que ele se fosse embora. Eu queria que depois daquela noite, eu pudesse abraçar a minha mãe de*

*manhã e ouvir a voz dela de novo. Ouvi -la dizer que me ama como sempre o fazia. Mas não, ele matou-a. Quando ele saiu do quarto, encontrou-me aí, a ver tudo. Foi então, que ele levou-me para fora de casa e queimou a casa. Entramos no carro e ficamos andando por horas a meio da noite. Eu realmente não sabia o que dizer, o que pensar, o que fazer, eu simplesmente revivia os segundos em que a bala penetrou o corpo dela e ela caiu, bem aí diante dele.*

Quando descemos, reparei que estávamos no hotel dele. Ele levou -me para um dos quartos e disse que está seria a minha nova casa. Apresentou-me os empregados, o Raul, o José, o Guilherme, a Josefina, O António, O Bernardo, o Carlos, a Paula, a Renata, a Antônia e mais dois. Mas o mais engraçado é que eles foram desaparecendo do hotel, um atrás do outro, e aos meus 16 anos, restavam poucos dessa equipa. Meses depois, veio o Irineu, e mais alguns.

O Irineu, era ajudante do meu pai, era uma espécie de secretário dele, e o Gil o recepcionista na época. Mas, um dia, o Irineu foi ao meu quarto buscar uns documentos do meu pai. Eu estava no quarto de banho, me masturbando e gemendo alto, quando, ouço um barulho de porta, mas não paro, porque pensei que fosse a camareira, então, ele abre a porta do banheiro e vê-me, pasmado vê-me de pernas abertas com os dedos na vagina, totalmente nua, eu pergunto porque que ele está aí parado e ainda não me fodeu, ele, sem reação, não faz. Eu puxo-o e começo a beijá-lo quando, ele vira-me e eu apoio-me ao lava cara fico de quatro e ele penetra-me logo, começa a remar e em menos de 7 minutos ele se vem, mas eu não. Ele envergonhado, sai do quarto e esquece os documentos, então, o meu pai manda-me levá-los e pergunta o que tivera acontecido, lógico que eu digo que nada. Meu pai avisou-me que jantaríamos juntos, coisa que não fazemos há anos, porque ele é sempre o *“senhor ocupação”*, faz desejar o seu comportamento como pai, porém não me interessa, acabo sempre me distraíndo fodendo com outras pessoas, talvez isso preencha o vazio, ou, pelo menos o momento. Saindo daí, passo pela receção, onde encontro o Irineu.

- Olá.

- Olá, menina Ana.

- Quanta formalidade!

- A menina é a filha do dono... do patrão, e, eu..

- Te espero no meu quarto em 5 minutos.

- Mas menina..

- Entendeu?

- *Sim.. de lingerie?*

- *Sim.. (sorrindo). E fui para o meu quarto.*

Chegando lá, procurei todas as lingerie que tenho, mas nenhuma era para a ocasião, e ia não tinha muito tempo, tinha que ir jantar com o meu pai. Ouço a baterem na porta, eu já estava nua, logo pensei, *que lingerie melhor que o meu corpo nu?* Então abro a porta assim, era o Irineu como o havia mandado. Ele entra e logo começa a beijar-me, dizendo que estava louco de tesão por mim, porém, achei estranho porque de manhã e a pouco ele estava muito tímido, então, parei tudo e perguntei o que se passava. Ele disse que estava numa má posição estando comigo e sendo o secretário do meu pai, que queria mais tempo comigo, então, queria que eu conversasse com o meu pai sobre isso. Eu perguntei qual dos empregados ele não gostava e ele citou de imediato o Gil, perguntei o porque e ele disse-me que ele não era quem parecia ser, que ele não era boa pessoa, que ele escondia coisas e muito mais.

- *Mas ele já trabalha aqui a muito tempo.*

- *Eu sei, mas... por nós, faz isso sim?*

Eu pus-me a pensar, claro que eu queria continuar a foder com ele e quantas mais vezes forem melhor, então, pedi-lhe para sair, que eu tinha que ir me arrumar, pois, jantaria com o meu pai. Ele saiu, pedindo para eu pensar nisso. Enquanto pensava, me arrumava para o jantar.

Cheguei ao restaurante, onde encontrei o meu pai sentado falando ao telefone, sentei na mesa esperando ele acabar.

- *Minha filha está linda.*

- *Obrigada meu pai.*

- *Está tudo bem?*

- *Está sim pai, e com o senhor?*

- *Também.*

- *Que bom.*

- *Passasse alguma coisa filha? Estas inquieta.*

- *Eu preciso pedir algo.*

- *O que foi?*

*- Eu gostaria que o senhor trocasse de secretário.*

*- Mas porque?*

*- É que.. O Irineu é muito eficaz e ele estaria melhor na recepção.*

*- Mas filha, ele...*

*- Por mim pai. Por favor.*

*- Bem, claro, posso fazer um esforço. Mas, e o Hermenegildo?*

*- Será o bagageiro ou algo do género. O hotel não tem e está a precisar mesmo.*

*- Faz o que quiseres filha, brevemente este hotel será teu, então, toma as medidas que quiseres.*

Pouco depois ele manda-me ir á ilha buscar prostitutas para trabalharem cá no hotel, depois do jantar. Foi onde encontrei a Carol e a Laura. Quando chegamos ao hotel, apresentei-as e, apresentei os novos cargos do Irineu e o Gil. Quando a reunião acabou, o Gil lógico, veio reclamar da mudança, seguiu-me até ao quarto e quando eu entro e tento fechar a porta ele esforça a sua entrada, dizendo que eu deveria ouvi-lo e que devia ter mais consideração pelos anos de trabalho. Porém, graças a Deus, um dos capatazes do meu pai estava passando e tirou-o de lá, porque eu sei o que teria acontecido.

Passado os dias, notei que o Irineu e a Laura estavam muito próximos, ouvia os boatos de que eles estavam a namorar, eu perguntava no Irineu mas ele negava. Claro! Eu era a filha do chefe, a mandaria embora quando quisesse, mas, eu queria ter certeza primeiro. Ele nunca dizia-me a verdade, até que, encontrei-o com ela no corredor, ele estava machucado, tivera levado socos atrás do socos, quando perguntei o que tinha acontecido ela mentiu-me descaradamente, porém, mandei-lhe continuar o trabalho, pois, hoje ele me explicaria tudo.

Do corredor, onde os encontrei, fomos até ao meu quarto, demoramos certa de cinco ou seis minutos a chegar lá. Quando entramos, ele começou a explicar-se como um papagaio, mas eu não queria ouvir, talvez fosse amor, ou ódio, ou até mesmo nada. Eu me iria vingar, isso não ficaria aqui.

*- Ana, não é o que parece.*

*- Porque lutaste e com quem?*

*- Com ninguém do hotel, eu...*

*- Está bem. Descansa meu amor.*

- *Está tudo bem Ana?*

- *Claro, apenas descanse. Conversaremos quando acordares sim?*

- *Está bem..*

Ele deitou no meu colo e, fiquei fazendo-o cafuné até que ele adormecesse. Depois, sai do quarto e fui receber informação, foi quando, encontrei a Suzana, perguntei-lhe o que havia passado e ela contou-me que o Irineu lutou com o Gil pela Laura, pois, eles estavam discutindo por ela. Eu fiquei pasma, pálida, e a única coisa que passava-me na cabeça era que ela tinha que desaparecer. Ela seria um grande problema depois, para mim e para o Irineu. Porém ele não perdia as culpas nisso. Eu queria ela morta.

***Eu queria realmente que ela morresse, eu não tinha nada a perder, aquele hotel era meu e o meu pai nunca me denunciaria.*** Esperei por dias a minha vingança, fui vendo o romance proibido deles no meu próprio hotel, enquanto, ele vinha ter comigo dizendo que me ama, mas fui dando conta que era apenas pelo cargo e o salário. E isso frustrava-me e dava-me mais vontade de a querer morta. Durante noites, eu imaginava como seria, cortar aquela garganta ou, molhar-me com o sangue dela. Eu cultivei durante dias e noites a sede de vingança, a obsessão pela morte dela era maior que qualquer coisa. ***O que se passava comigo?*** Eu estava a ficar paranoica, eu planeava inúmeras maneiras de matar ela, meses após meses.

Certo dia, o Irineu foi para o meu quarto de manhã, acordou-me com flores e vários beijos, tirou a roupa e foi para cima de mim, eu estava de costas e quando o seu pau encostou no meu rabo eu senti a sua tensão, o seu pau estava ereto totalmente. Ele deitou-se sobre mim, enquanto beijava-me os ombros, eu senti a sua mão a passar e depois senti o seu pau a entrar-me. É sempre uma sensação inexplicável a entrada daquele pau em mim, eu deliro. Quando o seu pau entrou, ele passou a mão por baixo dos meus ombros apertando as suas mãos nos meus ombros pela parte frontal fazendo de suporte e começou a remar-me, eu gemia e ele continuava, ele me conhecia, quanto mais alto eu gemer, com mais força ele tem que foder. Foi apenas um round... o último round.

Quando terminámos, eu pedi champanhe na receção, adivinhem quem estava lá? A Laura, exato. Mesmo assim eu pedi, e quem acabou por levar foi o Gil, quando eu abri a porta, para a minha surpresa, era o Gil a trazer o champanhe, e ele acabou vendo o Irineu na minha cama, eu não sabia o que dizer e não disse mesmo nada, recebi o Champanhe e claro, houve aquela troca de olhares, e fechei a porta. O Irineu levantou para ir à casa de banho e eu fiquei a servir o champanhe, após servir, lembrei que tinha comprado veneno para dar a Laura, porém, coloquei no champanhe dele. Um deles tinha que morrer. Quando ele voltou, eu

estava com a taça dele na mão, e ele recebeu, disse que tínhamos que brindar ao nosso amor, “*ao nosso amor!?*” repeti espantada, e ele só confirmava.

Ele ficou mais de meia hora no meu quarto e depois foi tomar banho, eu não senti alguma reação da parte dele e logo pensei que não tivera efeito. Ele vestiu e saiu, eu fui tomar banho e dormi, não queria sair do quarto por causa do Gil. Não sabia como o encarar, nem com que cara, nem com que boca, nem nada. Voltei a acordar depois do meio dia, e acabei por voltar a dormir, estava psicologicamente cansada. Mas, acordei definitivamente à noite, não sei bem que horas eram porque acordei com o toque o meu telefone, era o meu pai ligando, quando atendi, ele disse que a policia esta no hotel e que eu tinha que ir resolver, eu não percebi, pensei que fosse alguma coisa com os nossos negócios. Levantei-me rápido e fui tomar banho, ao vestir, o telefone do quarto liga, era a Suzana, dizendo que a policia esta aqui já há algum tempo e que eu não atendia o telefone e eu disse que estava indo para lá. Quando cheguei na recepção, encontrei a Laura chorando e a sua amiguinha com ela, consolando-a, vi um corpo no meio da recepção, porém não tinha muito drama nem movimentação, nada que causasse escândalo, cumprimentei e perguntei o que se passava, o senhor agente disse que era um homicídio. Eu coloquei a minha ultima cara, parecia realmente que eu não sabia, o sr. Agente disse que era um dos meus funcionários, quando o senhor agente destapou o corpo e eu vi o rosto do Irineu, eu olhei para o Gil e para a Laura. Perguntaram-me se eu tinha algum suspeito, eu não hesitei em pensar e dizer que tinha sim, e eram dois, a Laura e o Gil pois, ela era namorada dele e o Gil era amante. Ela reagiu mal, pior o Gil, reclamaram e tentar explicar-se, o senhor agente disse que amanhã teria uma revista no local eu somente pedi descrição e ele entendeu.

Quando eles se foram, eu fui para o meu quarto, ao longo do elevador eu ainda ouvia os choros e queixas da Laura, eu tinha que agir rápido e tirar o veneno de lá, do meu quarto. Mandeí um dos capatazes do meu pai colocar aquilo de alguma forma no quarto da Laura, não interessava como. E ele foi. Minutos depois, batem a porta, já estava um pouco tarde, e quando eu abri era o Gil, ele entrou e reclamou por eu o teu acusado, e ficou a reclamar demais, quando eu comecei a responder ele bateu-me, deu-me várias galhetas no rosto e empurrou-me para a cama, eu perguntava o que estava a acontecer chorando e gritando por ajuda, quando ele vai para cima de mim e tapa-me a boca, ele diz que eu vou pagar por tudo gritando, eu mexo a cabeça diversas vezes, quando ele tira uma faca da cintura pelo lado traseiro, eu estava assustada, mexia-me muito para ver se conseguia soltar-me, quando senti a faca dentro do meu estômago. Foi a pior sensação que eu senti. Foi uma dor sem prazer, foi somente dor, eu senti um vazamento no meu corpo.

Pouco depois ele volta a empunhá-la em mim, não somente mais uma vez nem duas, foram quatro vezes. A cada punhalada eu sentia que estava abrindo algo em mim. Pouco tempo depois eu estava afogando no meu próprio sangue, lembro-me dele dizer que eu merecia aquilo e muito mais, mas eu não conseguia

mexer-me. Eu vi a luz do corredor quando ele abriu a porta, mas eu não conseguia mexer-me, eu estava me entregando na dor, eu perguntei para o teto *“está será a minha morte? Desta maneira?”* quando eu ouço o capataz que eu mandei, lembro-me também que ele carregou-me nos braços e a última coisa que me lembro, é de ver a porta da recepção, eu apaguei, afoguei-me em sangue. No meu sangue.

# Segundo Capítulo



**Por Diana Monteiro e Rafaela Djanira**

- *"Nunca se deve falar com estranhos em uma cidade pequena. Pois, tornam-se pesos que carregaremos sempre".*

- Diana Monteiro



## Anginji

Eu sou a Anginji Cafuta, tenho dezanove anos, meço 1.67m de altura, tenho o cabelos curto, cacheados e pretos e sou de pele negra. Não tenho grandes atributos como um rabo muito grande ou seios muito grandes, tenho um corpo normal com um pouco de tudo. Resido em Angola-Luanda desde que a minha mãe me considera gente, e, foram essas terras que as minhas lágrimas absorveram, foi está maldita terra que testemunhou o meu sofrimento e o seu maldito povo que deu início a ele.

Os meus pais são pessoas socialmente designadas como humildes, e o meu irmão também. Ao contrário deles, eu nunca gostei de ser rotulada pela sociedade, então evitava aparecer constantemente nos eventos sociais onde a minha família ia e como qualquer adolescente eu preferia ficar em casa a assistir animes, jogar como uma criança normal e divertir-me como eu achasse melhor. Certo dia os meus pais chegaram em casa dizendo que tiraríamos férias em família, porém sem o meu irmão, pois ele passaria no prenda em uma tia nossa. Claro que eu não podia discordar, nem que quisesse, porque os meus pais são muito autoritários.

Nós íamos para Cuanza-norte e depois para Malange. Eu nunca visitei as províncias de Angola, porque em todas as férias eles decidem ir para o exterior. Apesar de admirada pela decisão deles, de certa forma fiquei feliz porque eu iria conhecer duas das províncias do meu país.

No dia 14 de Maio de 2014, eu tinha 13 anos, faltando apenas 4 dias para eu completar 14 eu vi os meus pais com bagagens a mais, mandando-me arrumar todas as malas, sem eu entender o porque. Ao meio dia partimos de Luanda. Eu fiquei pasma porque não despedimos o meu irmão, e eles nem ligaram. Sabem? O meu irmão é o filhinho querido então lógico que é muito estranho.

Foram 3 á 4 horas de viagem, eu via muitas árvores e muita mata apenas, eu dormia e acordava e só via mata. Chegamos em Cuanza-norte ao anoitecer, nos hospedamos no hotel Miradouro, onde passamos á noite. De manhã quando acordei, encontrei um bilhete dos meus pais dizendo para eu ir passear que eles voltariam tarde, fui até a ressecção perguntar por eles, mas o rececionista não sabia o que me dizer porque eles não deixaram nenhuma informação. Tomei o pequeno almoço e saí do hotel. Realmente é uma cidade pequena, cheia de árvores, muito rural porque tem muito verde a volta de toda a cidade.

Para quem saí do hotel, depara-se com três caminhos, um que desce, onde fica o hotel Términus, um quem sobe onde fica o grande mercado e um quem segue adiante onde fica a pastelaria e a policia da cidade. Eu comecei por descer, em direção do hotel Términus para poder ver a estátua de Njinga Mbandi no meio da estrada. Eu queria tirar fotos lá mas ao passar pela porta do hotel esbarro-me com um dos funcionários. Dou por mim no chão, com o casaco que tinha amarrado na cintura sujo e a minha pasta no chão ele pede

desculpa e ajuda-me a levantar, pergunta se sou nova e eu digo que sim, então ele pergunta se eu quero que ele me mostre a cidade e eu disse que sim novamente, sorrindo e fomos caminhando, fomos até a estátua de Njinga, conheci a igreja Universal e a Católica da cidade, as geladarias, os largos, mas, já por volta das dezoito horas, ele convida-me para ir conhecer o Quilombo.

É uma zona extremamente rural, e estava muito tarde, estava anoitecendo e eu tinha que voltar ao hotel, então, eu disse que ficaria para outro dia e ele concordou, a caminho do hotel trocamos os números de telefone e eu disse-lhe o número do quarto em que estava para me poder ir buscar amanhã de manhã e sempre que ele pudesse. Achei ele é muito gentil apesar de não lhe conhecer totalmente...

Subindo até ao quarto, encontro os meus pais a brigarem, os gritos da minha mãe ouviam-se desde o elevador. Quando entrei no quarto, encontrei o meu pai a bater na minha mãe, porém sabendo que ela própria deixava porque não era a primeira nem a terceira vez que ele a batia, simplesmente sai do quarto e fui a ressecção, pedi ao rececionista para chamar alguém, então ele chamou a polícia, pensando eu que demoraria mas em menos de cinco minutos eles chegaram. Eu estava sentada na receção quando vi os meus pais a serem levados. Eles não me viam, mas eu os via, agradei ao rececionista e voltei para o quarto. Tomei banho e acabei ligando para a minha tia, para eu saber sobre o meu irmão, quando ela atendeu, perguntando quem era, eu disse que era a Anginji e ela calou, eu chamava e dizia “alô”, mas ela não respondia, até que desligou.

Eu insisti ligando uma duas ou três vezes, ou até mais mas ela não atendeu. Achei muito estranho, mas eu tinha que esperar os meus pais. Passaram-se horas e eu já estava aborrecida, liguei a receção a pedir o número do Centro de polícia da cidade, liguei pra lá e disseram-me que eles já tinham sido soltos a bastante tempo. Tentei ligar para os telefones dos meus pais mas eles não atendiam então deixei mensagens mas ele nada. Eu fiquei preocupada, liguei ao trabalhador que tivera conhecido mais cedo, ele chama-se Josinaldo Mafuta. Eram quase uma da manhã, ele atendeu, mas estava no barulho, eu pedi-lhe para ele me vir ver, porém, ele disse que era dj e que estava tocando mas eu podia ir lá, eu perguntei onde fica e ele disse que me viria buscar e eu concordei. Ele era a única pessoa que eu conhecia, e, eu gostava de armar-me em brava, alguém que gosta de aventuras e coisas malucas. Preparei-me enquanto falava com a minha melhor amiga, a Pérez. Ela foi viver em Portugal um ano antes disso, então conversávamos muito por videochamada, ela aconselhou-me a pôr um vestido curto com umas meias de vidro feitas de rede, com um sapatos e passar um batom vermelho. Eu realmente parecia uma pequena prostituta, mas com a ilusão da melhor amiga e do momento não me preocupei. Fiquei na porta do hotel e mandei uma mensagem ao Josinaldo dizendo que lá estava eu.

Ele chegou em um carro Kia com mais dois amigos. O carro dos meus pais estava se aproximando, basicamente aqueles eram os únicos carros na zona e eu logo reparei que era o carro deles, entrei rápido no

carro e disse para irmos rápido, rápido. Eles estavam drogados ou bêbados, não sei ao certo, mas eles estavam estimulados porque já tinham toda a adrenalina a flor da pele. Estava a tocar uma música erótica e o Josinaldo não parava de sorrir para mim. Eu e ele estávamos no banco de frente e os amigos no de trás, fomos pela rua adiante que passa pela polícia e a pastelaria. Paramos em um minimercado onde os amigos dele compararam muita vodka e cervejas, eu que nunca tivera bebido acabei bebendo, anarquicamente.

E estávamos todos malucos, quase fizemos dois acidentes, mas seguíamos o caminho, passamos pelo largo das escolas e fomos pela rua que desce a esquerda. Eu notei que estávamos a ir ao Quilombo e perguntei se era lá a festa, o Josinaldo trancou as portas e disse que era lá que faríamos a nossa festa, eu pensei que fosse um código ou uma metáfora e claro achei engraçado. Estava a tocar uma música muito boa, não lembro o título, mas era da Beyoncé. Estávamos todos a gritar e a fazer movimentos como danças quando o carro para.

O Josinaldo desceu e chamou os outros, eu continuei no carro a acompanhar a música, quando distraída e entretida com a musica o Josinaldo bateu na janela da porta e me chamou, desci e ele encostou-me na porta do carro e começou a beijar-me, eu pergunto o que que ele estava a fazer, ele diz que gosta de mim e que podia ser um segredo nosso que ninguém saberia, então eu também deixei-me levar. Não por culpa do estímulo, mas porque eu quis. Beijamo-nos, ele até levantou-me e pôs-me no colo encostada no carro, quando um dos amigos dele vem e começa a tocar-me na perna, eu assusto e desço, pergunto o porquê daquilo e ele ficou a sorrir, todos eles ficaram e eu perguntei se eles estavam malucos, eles apenas sorriam, eu bati no rosto de um deles e fui me dirigindo a porta do carro, ao abrir a porta de trás, entro e fico sentada, quando o Josinaldo vai ter comigo e fica a pedir desculpa com beijos e eu começo a beijá-lo de novo. Quando dou por mim um dos amigos dele, puxou-me pelo cabelo, pela parte de trás e eu segui o seu puxão, eles entram no carro e fecham às portas.

Tinha um na parte de frente e o Josi junto dos outros no banco de trás comigo no meio. Um dos que estavam atrás começou a apalpar-me os seios e eu tirei a mão dele, o Josi pegou-me nas pernas e começou a subir até a vagina, tirei as mãos dele enquanto o outro pegava-me nos seios novamente e eu continuava insistentemente a tirar as mãos deles, até que o Josi me pega em uma das mãos e o outro na outra mão. O Josi prendeu umas das minhas mão na cabeceira da cadeira de trás do carro e o amigo prendeu a outra enquanto o Josi levanta-me o vestido e quando olhei para a frente vi o amigo dele a tira uma tesoura no porta luvas do carro, o amigo que estava atrás connosco cortou-me o vestido pela parte de cima e começou a cortar também as meias, quando o meu telefone começou a tocar, o que estava a frente vê e começaram a gozar, pois, eram os meus pais a ligar. Eu gritava mas, o Josi tapou-me a boca dizendo que eu não podia gritar porque não ia doer nada.

Um dos jovens começou a lambe-me os seios enquanto também ia abrindo o fecho a sua calça e retirando o seu pênis que estava muito ereto, o Josi abriu-me as pernas e com a tesoura cortou-me a cueca. começou a brincar com a minha vagina, metendo um dedo, mas não passava porque estava apertado, foi quando ele notou que eu era virgem, e ele disse *"a nossa menina é virgem rapazes"* e eles admiraram e começaram a rir de mim. Então o Josi desamarrou-me e com a ajuda do outro amigo, meteram-me deitada nos bancos de trás, amarrando os meus braços no banco do condutor e uma das minhas pernas no outro banco de frente, o Josi foi a minha frente e começou a chupar-me, ele abriu-me as pernas, e inclinou-se até a minha vagina, passando a língua pela primeira vez, eu estava em pânico mas eu senti tesão por aquilo. Foi uma sensação inexplicável, uma tesão incomparável. E ele continuou. Chupou lentamente por duas vezes levantou e enfiou um á dois dedos lá, ele lubrificou-me de uma maneira inimaginável. Lambia-me e chupava-me como se a minha vagina fosse um gelado e inevitavelmente eu fiquei excitada. Eu continuava com aquela sensação, tivera esquecido da situação, então ele levantou e continuou a brincar com a minha vagina com os seus dedos, girava de um lado para o outro e eu os ouvia a rirem mas aquela sensação tirava-me do sério. Fazia-me fugir da realidade.

O amigo dele, o que estava comigo e com o Josi no banco de trás foi a minha frente, pondo o Josi de lado. O Josi tirou a mão da minha vagina, e eu abri os olhos e o vi cuspindo no seu pênis para começar a penetração, ele dizia *"não vai doer nada"* rindo e rindo, eu estava tesa e em pânico, eu não sei se seria violação ou sexo bruto, porque no fundo eu queria alguma coisa me satisfazendo depois daquele minete maluco. Foi então que ele começou a introduzir a cabeça, alguma coisa estava abrindo dolorosa e prazerosamente entre as minhas pernas, ele não foi bruto de tudo, ele colocava lentamente, gemendo e dizendo o quão quente estava a minha vagina quando tudo entrou eu senti-o dentro e a cada movimento que ele fazia eu queria mais, era dor mas eu queria mais, mais rápido, mais forte, eu queria mais e mais.

Ele fodia-me como um louco, o Josi e o outro também queriam então eles soltaram-me, eu estava louca de tesão e talvez fosse pelos estimulantes alcoólicos mas eu estava tão molhada, tão excitada, oh Jesus! Saí do carro e o Josi pôs-me no capô do carro, deitada, enquanto o amigo dele acabava de foder-me, eu estava tão nua e tão molhada, ele fodia-me e apertava-me os seios, puxando-os, fodendo-me loucamente. Chegou um momento que eu estava saindo algo, era uma louca vontade de ser mais fodida, eu queria mais impulso, mais, mais, e mais. Eu estava a me vir, comecei a gemer loucamente e ele logo notou, então, começou a foder loucamente, o Josi subiu no capô, bem perto de mim, com o seu pênis fora e disse : - psiu! Chupa. Meteu a mão na minha cabeça e acompanhou-a até a sua cintura onde começou a bater com o pênis da minha boca e eu a abri, pegou em uma das minhas mãos e pôs ela a tocar no seu pênis, e resumidamente ensinou-me a fazer um fucking blow, eu chupei-o como se aquele pênis estivesse borrado de chocolate, o Josi estava excitado, eu estava excitada, os amigos dele estavam excitados, e eu também estava quase a me vir.

O amigo do Josi estava quase a se vir, então abriu-me mais as pernas, e o Josi pulou do capô e quando o amigo dele começou a baixar a velocidade, ele pressionou-se a mim e eu apertei com as pernas, fechei-as e ele se veio para dentro, eu ainda não estava satisfeita. Quando ele tirou o pênis da minha vagina, eu ainda estava lubrificada e eu olhava para o Josi como uma cadela abandonada e ele perguntou-me se queria mais e eu disse que sim abanando a cabeça, então ele puxou-me pelo braço, encostando o meu abdômen no carro, no capô mesmo, eu estava inclinada, de quatro quando ele começou a enfiar o seu pênis, ele fazia com calma, fodendo do lado esquerdo, e logo indo para o direito. Como uma dança, esquerda e direita, direita e esquerda. Mas depois, abriu-me bem as pernas e o rabo, e começou a foder-me brutalmente, era remadas atrás de remadas, até que em um momento, ele tirou e baixou-se, abrindo-me bem e começou a lambe-me de novo, aquele contraste fazia-me molhar-se estupidamente.

Mesmo de quatro, ele até levantou-me uma perna para lambe-me melhor, ele fodeu-me tanto, aquela boca fodeu-me tanto, que... nossa! Ficamos no quilombo a madrugada toda, de manhã por volta das sete ou oito horas arrancamos para voltar ao hotel Miradouro e eles para casa, pois o Josinaldo teria que voltar para o trabalho. A caminho do hotel, saindo do quilombo, passamos pela pastelaria, para comermos alguma coisa, chegando lá os dois amigos do Josi ficaram e nós continuamos até ao hotel. Ele estacionou a frente mesmo porque não é um hotel refinado que tenha uma garagem moderna, não, a garagem fica mesmo na rua a frente do hotel, e foi lá onde ele estacionou. Ficamos média de cinco ou seis minutos a conversar no carro, quando uma rapariga bate a porta, ela era mais alta e mais magra que eu, sinceramente eu achei-a muito feia, ela estava um pouco suja e ela parecia farrusca e... como eu estava vestida? Bem, estava com a camisa do Josinaldo, ficava-me larga e um pouco comprida, continuando...

Ela bateu a porta do carro e quando ele abriu-a ela começou a fazer confusão, reclamou que ele não voltou para casa e que não estava trabalhando, que ligou muito para ele e ele não atendeu. Ele tentou fugir do assunto e quando eu descí do carro ela viu-me com a camisa dele e começou a gritar comigo “sua puta, está camisa é dele. Passaste a noite com ele não tens vergonha...” todos na rua começaram a olhar então eu entrei no hotel, deixando-os aí. Na ressecção encontrei os meus pais “preocupados” comigo, dizendo que chamariam a polícia se eu não aparecesse e um monte de coisas. Eu olhei e subi, tomei um banho e troquei de roupa, quando descí encontrei-os lá, disseram que voltaríamos em três dias e eu não gostei da decisão deles, eu queria aproveitar mais com o Josi e três dias... é muito pouco. As 17 horas liguei ao Josi, para saber como ele estava e quem era aquela rapariga, mas ele não atendeu. Não insiste, sinceramente pensei que teria que mandar lixar mas as 18h ele ligou, claro que deixei chamar e só depois atendi, fiz uma voz como se estivesse a dormir, combinamos de nos ver e ele concordou,, combinamos que nos encontraríamos as 22h na porta do Miradouro.

Quando ele chegou, mandou-me uma mensagem e eu desci. Ficamos a conversar e ele explicou-me que ela era “uma amiga”, eu logo sabia que era aquela desculpa linda dos homens quando te querem comer, então eu nem liguei. Andamos um pouco até a pastelaria e quando lá chegamos sentamos fora, trocamos sorrisos e muita conversa, por volta das 23h e pouco começou a chover, então entramos e ficamos dentro da pastelaria a observar a chuva enquanto tocava a música “Perfeita de Luther basquiat”. E ficamos cantando juntos a música, foi muito engraçado. Posteriormente o meu pai mandou uma mensagem dizendo para ir já para o hotel então nós saímos e fomos correndo em direção ao hotel, tapando a cabeça com as mãos.

Chegando no hotel, nos despedimos com um beijo, quando entrei, reparei que todos estavam a olhar para mim, eram pessoas que eu não conhecia então mandei lixar. Fui ter com os meus pais no quarto, encontrei-os a assistir então tomei banho e fui assistir com eles. Quando cheguei para assistir o filme já estava no meio, deitei com os meus pais na cama, fiquei no meio deles e foi a primeira vez que senti um amor incondicional. Sabem, eu senti a presença deles. Durante aquela noite nós fomos rindo, conversando, assustando, enfim, era realmente um momento de família e eu estava a adorar.

### **Dias depois...**

De manhã, os meus pais acordaram-me dizendo que já iríamos partir, eu admirei e logo tinha que me despedir do Josi. Liguei mas ele não atendia, mandei mensagens de voz e esperei um pouco mas mesmo assim ele não deu nenhum sinal de vida. Não podia fazer nada, então, preparei-me para viajar. Quando desci para sair do hotel, os meus pais já me esperavam dentro do carro, eu olhei para as ruas mas não o vi, não podia fazer nada, meu amorzinho não apareceu. Então, subi e começamos a viagem de volta para Luanda, quando chegamos, eu tentei ligar e mandar mensagens, eu realmente tentei entrar em contacto com ele mas não consegui. Ele nunca respondia, nunca atendia e muito menos retribuía as chamadas ou mensagens. O tempo foi passando, como sabem, ele não espera por ninguém, e eu nunca mais tive uma notícia dele, eu cresci, e, aos 18 anos, sai de casa e comecei a trabalhar.

Certo dia, chego em casa cansada, foi um longo dia de trabalho quando a Rita liga-me:

- *Alô Rita.*

- *Onde estás Anginji?*

- *Em casa, porquê?*

- *Eu vou a uma festa com as raparigas, vens?*

- *Estou cansada, fica para outro dia.*

- *Não. Vamos hoje.*

- *Mas...*

- Nada. Vem e ponto.

- Ok.

Desligo e tiro a roupa, fico nua andando pelo apartamento e fico pensando, “sairei mesmo do Benfica á Ilha a esta hora da noite, pelas minhas amigas”. Sento no sofá e abro as pernas, preciso limpar a cabeça então masturbo-me um pouco.

Depois de estar molhada e satisfeita, pego o whisky na garrafeira e dou dois shots, após isso entro no banho e masturbo-me de novo. Os meus dedos gelados na quente vagina que tenho, meus seios eretos. Eu lambia-os.

Eu estava literalmente molhada após o banho e excitada. Cabeça vazia e desejos ativos. Saindo do banho, fui vestir. Um vestido vermelho de renda, leve para levantar a vontade e, sem roupa interior. Sai de casa e liguei o carro, coloquei-me a caminho da ilha.

Musicas altas tocando e cada vez mais, a minha razão apaga e ligava-se a emoção e a tesão, loucas imaginações rolavam mas era frustração de um coração partido. Uma hora no carro, rabo dorido mas, a vagina bem lubrificada. Poderia ser penetrada por qualquer um que entraria escorregando bem dentro de mim. Eu imaginava loucas penetrações na minha boca, na minha vagina, no meu rabo. Eu só queria ser fodida naquela baía.

Chegando, encontro logo a Rita e as meninas, elas estavam dançando, logo coloquei-me perto delas. Elas sorriam e chamaram-me para dançar, eu não podia inclinar, pois, meu rabo exposto estaria. Porém, eu queria excitar uma alma perdida na tesão e afogar ele no meu mar de ilusão entre as pernas então inclinei-me a abaná-lo, mexendo e remexendo, chamando a atenção de certos paus na minha direção.

Após alguns minutos ou horas, não sei, não controlei, já desliguei. Fui buscar umas bebidas, e encontrei, meu último namorado no balcão servindo as bebidas. Eu estava louca de tesão e naquele momento a emoção de vê-lo, serviu de enzimas para a minha lubrificação, eu sentia escorrer algo entre as pernas. Era tesão e paixão.

- Eu quero duas doses.

- Anginji? Estas bem? Há quanto tempo.

- Josi! é! Há quanto tempo.

- Estás diferente.

- É! Estou...

- Tenho saudades tuas...

- Minhas? A sério?

- Sim.

- Nossa! Sério mesmo?

- *Sim. Podemos sair um dia desses?*
- *Cla... claro.*
- *Está bem. Amanhã te pego?*
- *Sim.*
- *Contínuas no Benfica?*
- *Não... mudei-me, mas mando-te o endereço.*
- *Está bem.*
- *Amanhã às 8h da noite.*
- *Está bem.*

Ele ficou servindo as doses olhando para mim sorrindo, eu pensei que, com o decorrer dos anos aquele sorriso já não teria efeito sobre mim, pensei que já era imune aos orgasmos que ele me causava, mas estava enganada, pois, tivera diversos consecutivamente naquele momento. Peguei nas bebidas e fui ter com a Rita, eu precisava de conselhos.

No meio da caminhada, eu bebi as duas doses e reparei que alguém olhava para mim, para o meu rabo mais concretamente e fui até lá, porquê estava muito tesa.

- *Olá.*
- *Olá gata.*
- *Estás a olhar para mim por quê?*
- *És gostosa de mais.*
- *E queres saber até que ponto.*
- *Quero.*
- *Vem...*

Puxei-lhe pela camisa até ao meu carro. Eu já estava praticamente nua e não me importava com nada. Durante o caminho até ao carro ele não parava de pagar-me no rabo e eu gostava, ou melhor, adorava. Ele sentiu-me molhada, eu sei, eu senti a emoção dele por saber isso. Chegando ao carro, eu viro-me para ele e ele beija-me, pegando-me no rabo com força e apertando-o, ele começa a curvar a mão para a minha vagina e começa a brincar com ela lentamente, e eu estava muito fora de mim, a tesão eliminou-me á razão. Ele levantou-me a perna esquerda e eu apoiei no carro enquanto ele metia um, não, dois, não, três dedos dentro de mim. Entraram rápido porque eu já não aguentava a tesão, e ele brincava brutalmente enquanto beijava-me, logo a seguir eu senti a sua outra mão em um dos meus seios, eu só imaginava ele a rasgar-me a roupa a frente de todos e comer-me sem maneiras como se fosse uma vagabunda ambulante.



E ele largou-me e virou-me, abrindo o seu cinto e tirando o seu pau. Eu senti-o, era longo e grosso como eu gosto e ele enfiou-o todo sem hesitar ou se preocupar se me doeria, como eu adorava.

Eu gemia e ele inclinou-me no carro, ele apertava a minha cabeça contra o carro e apertava também o meu cabelo enquanto fodia-me sem maneiras e brutalmente como uma vadia. Eu queria uma foda assim, na esperança de cobrir o vazio que o Josi deixou ao bazar da minha vida.

Ele fodeu-me tanto e tão bem, eu vim-me mais de uma vez mas ele não. Ele queria anal, mas eu não. O meu rabo era apenas do Josi, mas ele não quis saber, ele cuspiu no seu pênis e meteu, eu gemia e arranhei o carro, gritei e esperneei, porém, ele não parava, nem acalmava, fodia com raiva e quando se estava a vir, tirou do meu rabo e eu virei-me, ele baixou-me e meteu-me na boca e eu chupei-o com gosto e nojo até ele pressionar o seu pau em minha boca e se veio, eu quis vomitar mas engoli tudo e ainda fiz um broche seguido, quando terminei, ele vestiu-se e bazou sorrindo, eu senti-me uma vadia autêntica. Senti-me mal, porém satisfeita demais. Esqueci a Rita e a festa, entrei no carro e fui para casa.

Chegando em casa, de madrugada, olho para o telefone e vejo mensagens de um número estranho. Era o Josi, pedindo para eu ir ao Hotel Diamante Bruto ter com ele às 8h da noite e eu respondi ok. Não sabia para que era, passou-se tanto tempo mais de dois anos que não nos vemos e do nada ele reaparece, eu sinto-me mal e bem com isso, eu o amo independentemente do tempo mas eu já fodi tanto e com tantos que seria hipócrita parecer a inocente rapariga que ele deixou.

No dia seguinte, 14 de Fevereiro, às 12h, ele liga-me:

- *Alô Anginji?*

- *Sim?*

- *É o Josi.*

- *Josi, desculpe. Estava dormindo.*

- *Entendo, eu liguei para saber se vens.*

- *Venho sim.*

- *Está bem.*

- *Tá.*

Desligo e volto a dormir. Acordo às 16h e começo a preparar-me para ir ter com ele, não quero parecer uma vadia, não para ele. Vou ao banho e até o cabelo lavo, depilo-me toda e, esfrego-me com um sabonete aromatizante. Saindo do banho, fico secando o cabelo enquanto me pinto. Uma maquilhagem simples e ocasional. É uma noite especial, num dia especial com alguém muito especial. Passo creme e o meu melhor perfume, os meus melhores sapatos e o meu melhor vestido, cabelo preso e unhas feitas. Ocasionalmente, com roupa interior acompanhando.

Saio de casa às 19h, pois sabia que demoraria pelo engarrafamento. Quando bateu 20h ele ligou perguntando onde eu estava, disse que estava a caminho e desliguei.

Cheguei. Ao entrar, deparei-me com um clima erótico, hotel de prostíbulo, assim pensei. Chego até a ressecção e pergunto onde é o quarto do senhor Josinaldo e eles disseram-me que é o 269. Então pego o elevador e subo ao quarto andar. Eu estava a ficar excitada de nervosismo.

Chegando no corredor do quarto 269 eu ouço gemidos de diversos quartos e fico admirada mas continuo a andar até ao quarto do Josi. Bato a porta e ele abre, entro e ele sorri. O quarto estava arrumado, com um jantar e champanhe, cama de pétalas e eu logo pensei, uma foda ocasional ou planeada.

- *O que é tudo isso?*

- *Uma prenda para ti.*

- *Mas!*

- *Não digas nada. Apenas relaxa.*

- *Relaxar? Josinaldo!*

- *Calma.*

Eu respirei fundo enquanto ele despi-me, eu estava excitada, Eu queria que ele me arremessasse e me fodesse anarquicamente, que parecesse um massacre mas mantive-me calada. Eu estava quente, coração acelerado, cada movimento dele era motivo de eu assustar. Ele tirou-me o vestido e eu estava lenta em pensamentos. Fuck!

Começou a beijar-me o pescoço, lentamente ele ia abrindo o sutiã, e eu estava embalada em tesão. Ele metia as mãos entre as minhas pernas, apreciando a depilação e procurando lubrificação que já havia demais e ele sorriu ao senti-la.

Foi agitando os dedos na minha vagina enquanto os meus seios apertava e o meu pescoço beijava. Eu me derretia mas me segurava, deixei-me envolver até porque eu queria aquele pau no meu rabo de novo, eu queria chupar-lhe lentamente, eu queria que ele me magoasse muito. Ele levantou-me e começamos os beijos a sério.

Rasgou-me a cueca e enfiou-me dois dedos, eu gemia e ele tapou-me a boca afastando-me as pernas, elas ficaram abertas na totalidade, e ele enfiava os dedos, tirando e pondo, brincando com a minha tesão e depois baixou a cabeça, com as duas mãos sobre os meus seios ele começou a chupar-me lentamente, ele chupava-me os grandes lábios e lambia-me o clitóris. Ao mesmo tempo apertava-me os seios e brincava com os meus mamilos, eu estava excitada para a porra toda. Ele chupava-me como se fosse a primeira vez, mas eu sabia o final desse filme e cortei o roteiro do triste fim. Afastei-lhe da minha vagina com as mãos e fechei as pernas:

- *Vamos conversar – eu dissera.*

- *O que se passa?*
- *Eu sei o final dessa história...*
- *Não é isso que queres? Eu pensei que...*
- *Quero, mas não assim só por fazer, Eu tenho sentimentos.*
- *Sentimentos?*
- *Sim.*
- *Tu fodes com mais de dois homens por dias e vens à mim dizer que tens sentimentos?*
- *Sim, Porque se fodo com tantos é porque tu deixaste-me sozinha com vazio no peito.*
- *Sim, no peito e Não entre as pernas.*
- *Mas!*
- *Eu sou casado.*
- *O quê?*
- *É! Casei-me o ano passado.*
- *Vou-me embora.*
- *Não.*
- *Casei mas tenho saudades dessa vagina quente e molhada.*
- *Não quero saber.*
- *Queres sim, porque se estas aqui é porque também tens saudades minhas.*
- *Eu.. não...*
- *Sim. Esse pau quer tanto estar dentro de ti. Vem cá. Não deixes que ele murche.*
- *Mas eu...*
- *Vem cá.*

Ele beijou-me e eu não resisti. Afundamo-nos em beijos que pareciam oceanos intensos, a sua brutalidade tivera aumentado e os flúores do corpo estavam se libertando. Enquanto beijava-me também apertava-me o rabo e as coxas, eu me derretida de imaginar os seus dedos na minha .... e aquele pau na minha boca. Fui para cima dele, eu já estava nua mas faltava ele, continuamos aos beijos enquanto tirava-lhe a t-shirt e ele abria as calças, eu sentia o pau dele dentro das boxers, aquele grande e negro pau dentro da minha vagina, Fuck.

Ele estava aí, nu para mim. Comecei a deslizar sobre ele para ir ao encontro do seu pênis, enquanto descia, lambia-lhe o abdómen e ele apertava-me os seios. Quando cheguei ao pênis, ele pediu-me para virar, um sessenta e nove da regra, pensava eu. Ele pegou a garrafa de champanhe e derramou sobre o meu rabo, baixou-o e começou a chupar a minha vagina, intensamente, loucamente e com os dedos dentro fazendo movimentos. Foram um, foram dois, foram três... foram dedos lá dentro.

E eu chupei loucamente aquele pau que me chegava na garganta eu fui a combate com ele, chupei, lambi, beijei e manipulei-o como chupa-chupa, quando virei para foder por cima ele também levantou, e fiquei surpresa. Arremessou-me contra a parede, inclinou-me a cintura e puxou-me o cabelo. Brincava passando o seu pau entre a vagina e o rabo e a tensão estava a levar-me para o céu. Quando ele meteu, não hesitei e gritei, aquele enorme pau fez doer bastante, mas de prazer.

Ele remava com força e eu deixei-me levar, ele manipulava-me o corpo como se fosse uma boneca sexual e eu amava ser usada assim, ele sabia sim! Enquanto penetrava em certos momentos, dedos enfiava na vagina e no rabo e eu amava. Fode-me mais e mais, eu pedia e ele realizava.

Foram horas de prazer, loucura e poder. Até que a mulher dele ligou.

- Alô.

- *Querido onde estás?*

- *Trabalhando amor.*

- *Vem que tenho uma prenda para ti.*

- *Claro. Beijos.*

- *Beijos.*

Senti-me a última prostituta, porém, não me arrependo de nada. Ele é o homem da minha vida, fazer o que? Olhamos um para o outro, banhados de orgasmos e preservativos espalhados. Ele não hesitou e meteu-me mais dois dedos por pirraça e eu gemia de prazer, sentia a minha vagina inflamada, mas eu não queria saber. Minutos depois ele começou a vestir e despediu-me, disse que poderia passar lá a noite com o cheiro dele e os orgasmos e que voltaria a ligar para mim, afinal os melhores amantes são aqueles que já namoraram antes, é como se fosse uma parte 2 do nosso namoro e ele foi-se embora. Mais uma vez, levou o meu coração distante de mim, mas, deixou-me fechada por fim. E lá ia passar a noite, feliz e satisfeita.

# Terceiro Capítulo



**Por Diana Monteiro e Rafaela Djanira**

*"Aos lugares inapropriados, a imoralidade dos acontecimentos,*

*a naturalidade das atrações, a insensatez dos atos, a imaginação literária, as diferenças sexuais."*

*-Rafaela Djanira.*

## Patrcia ou Carla, a Bipolar (..)

Era como de costume eu olhava sempre para todos os homens e só imaginava cometer insanidades, eu sentia vontade de comê-los e tê-los a tempo inteiro como posse, algo que ao meu bom senso não cabia eu era o tipo de mulher incomum, invulgar, aquela que atravessa totalmente os padrões comuns e sociais exigidos nas mulheres e na verdade eu estava cansada da mesmíssima coisa que essa maldita sociedade me impunha e daí se definiu a minha bipolaridade "**A Patrícia**" - era o meu **Eu** uma obscuridade e por de trás daqueles cortinados sócias e padronizados que ao meu sexo destinava-se eu era estranha porque o meu visual apresentava-me e caracterizava-me como "**Carla**" alguém que todos conheciam e que era totalmente o oposto de Patrícia, alguém que defendia os direitos sócias e todas as outras coisas que a Patrícia não cabiam e não suportava, eram duas em uma só mas no meu interior eu era a Patrícia a maior parte do tempo e era obrigada a me assumir como Carla porque ninguém normalizava as coisas que a minha mente defendia.

Eu tinha quem quisesse e seduzia com o meu olhar firme, fixo e sem filtros, eu era exótica e sensual, gostava de tê-los como submissos a mim e ao meu sexo indescritível, eu era sádica sentia prazer na dor de outrem e assim como gostava de torturar pedia suplicantemente que me fizessem o mesmo.

E depois de tantos personagens sexuais que eu criava quando deparava-me com uma figura máscula que chamasse pela minha atenção e despertasse a minha tesão eu tive dois amores "um platônico no sentido figurativo e o outro real" , eu era loucamente obcecada por um louco HOMEM que as minhas insanidades obedecia e que o meu prazer sexual simplesmente alimentava (nunca gostei de definir padrões), já Carla era perdidamente apaixonada por um homem delicado, amável e sensível mas que fazia apenas parte dos seus pensamentos.

Carla Kasari: era o meu nome formalmente escrito em minha identificação pessoal, eu tinha apenas 19 anos de idade e gostava de frequentar eventos formais que engrandessem o meu intelecto e durante um workshop de contabilidade o anfitrião do evento despertou-me a atenção ele era o orador principal e só de lhe ouvir falar eu sentia calafrios, e no meio do evento sem querer eu tenho um ataque de espirros (pareciam gemidos, kkk...), algo que roubou bastante a sua atenção e a de toda a sala de conferências que pararam a olhar-me por uns poucos instantes.

Houve um pequeno intervalo de 5min. e eu fui beber um café e ao retornar ao lugar onde estava sentada sinto uma ligeira pancada e quando viro-me era o "Orador do Evento" aquele que mexeu com o meu consciente:

*-Desculpe minha senhorita, foi sem querer!*

*-E eu um tanto quanto perplexa respondo: senhorita é um pouco demais para essa simples jovem (em alguns momentos eu era a Carla).*

*-Chamou a minha atenção quando espirrava e seria indelicado se não perguntasse-lhe: tem alguma irritação ? É asmática ? É alérgica?*

*-E eu me sentindo intimidada pela sua interpelação dei um ligeiro sorriso dizendo apenas : foi um perfume muito ativo que fez-me mal.*

*-É aconselhável trocar de lugar senhorita.*

*-(Sua abordagem era eloquente), respondendo apenas: Sim. Irei fazê-lo, obrigada!*

*-Desculpe ter-lhe abordado sem antes me apresentar, com enorme prazer chamo-me Pedro Ndilukweco.*

*-Com todo gosto , Carla Kasari.*

*"Falei para o meu profundo interior super consciente que aquele orador com feições exóticas comum de africanos bem definidas seria o "MEU HOMEM!"*

*E de repente o seu olhar de predador era tão notório, e sem querer ele deixa-me cair um pouco de café na blusa de tão próximo que estava, e eu fico toda borrada de café!*

*-Meu Deus, que desastre!- Exclamou, super constrangido.*

*-E eu, já toda irritada digo-lhe: por onde anda com a cabeça??*

*-Desculpe-me mais uma vez pelo enorme desastre, permita-me remendar este ato!*

E ele pediu que o outro orador desse continuidade ao evento, e em seguida acompanhou-me até a sala de primeiros socorros do Centro de conferências para que eu pudesse com a ajuda de uma toalhinha húmida diminuir a mancha de café que eu tinha na blusa.

Mas de tão quente que estava o café eu tive que tirar a blusa porque estava a queimar-me bastante, e pousei para secar, e deparei-me novamente com aquele olhar de predador fixo em meus seios quase perfeitos e ele sem proliferar alguma coisa que fosse encurralar-me com seus braços fixados na parede da sala, e eu, de frente aquela figura máscula que molhava as minhas cuecas e levava-me a loucura só de lhe ouvir falar, acabei por ceder-lhe os meus lábios macios e delicados, e beije-lhe de modo tão intenso como se já tivéssemos vivido aquele episódio inúmeras vezes, e ele, de um modo ousado encosta seu sexo ereto em minhas pernas e eu sentia sua grossura e seu tamanho só com aquele pequeno gesto de tão saliente que estava, e então encarno

a Patrícia naquele exato momento e esqueci-me da delicadeza, e sutileza ou qualquer princípio que uma mulher devia aparentar de antemão em seu primeiro encontro, e sem hesitar passo a minha mão pequena e suave em seu sexo duro e ereto e ele lambe os meus seios com o maior prazer do mundo, parecia um cão faminto e esfomeado, e começa a morder-me sem dó para que despertasse-me mais prazer, eu falava baixinho em seu ouvido que queria senti-lo exatamente daquela jeito e pedia que enfiasse logo seu pau duro dentro de mim, ele levantou-me a saia e conseguiu sentir-me toda molhada, ainda em cima da cueca passa os seus dedos grossos e ásperos com um textura rígida em meu clitóris massageando-o ligeiramente, ele satisfazia-se visualmente pelo que contemplava em minhas feições e então eu abro a sua presilha sem pudor e sem que ele pedisse ou ordenasse começo a chupar-lhe todo até o fundo da minha garganta e a cada chupada que eu dava aumentava mais a minha tesão e passava ligeiramente os dentes para dar-lhe choques térmicos e ele ordenou-me bruscamente que me virasse e baixasse, e então ele comeu-me a fundo das minhas longas paredes lubrificadas e fazia várias investidas em mim e a meio daquele ato eu dava longos suspiros ofegantes porque o silêncio da sala não me permitia ir mais além, tivemos orgasmos ao mesmo tempo, e logo em seguida nos ajeitamos e nos contemplamos com a maior admiração e safadeza, foram os 4 minutos mais intensos que eu tivera passado em toda a minha vida sexual.

Mau sabia eu que aquele Homem me submeteria a todas as loucuras que a minha insensatez clamava e padecia (disse ao meu subconsciente).

E logo em seguida voltamos para os nossos humildes lugares como se nada tivesse acontecido.

Quando terminou o workshop eu levanto para ir-me embora e já na porta principal da Sala ouço a voz dele gritando e acenando-me para que voltasse, toda envergonhada me aproximo para saber o que ele queria outra vez, apresentou-me a umas tantas pessoas que nem o nome decorei porque ele roubava toda a minha atenção e em seguida puxa-me a parte para trocarmos os contactos.

Após ter chegado a casa fiquei a imaginar aquilo que eu tivera passado à tarde, eu me envolvi com um louco e psicopata como eu no primeiro encontro que tivemos e numa sala de primeiros socorros de um centro de conferências em pleno um workshop! Pior loucura não podia ser.

....

Certa vez, eu tinha acabado de acordar e não quis levantar-me por nada e nem por ninguém de tão gostosa e quente que estava a minha cama, foi então que eu recebo uma mensagem da minha amiga Raquel dizendo:

"Vamos a que horas?- 09:00 "



"As 10hrs e 30min passo para pegar-te!- 09:30"

Foi então que eu me lembrei que hoje era o dia da feira de Literatura que tínhamos e que seria o dia do lançamento oficial do livro da Zanete o "Adowa", não podíamos faltar porque era muito importante a nossa presença neste evento.

Fiz a higiene pessoal rapidamente para que não me atrasa-se e coloquei um vestido leve de alças amarelo as florzinhas, deixei o cabelo solto com um simples arranjo de lado, coloquei umas sandálias brancas e tirei a minha bolsa preferida, em seguida fiz uma simples sandes e bebi um sumo natural de ananás que tinha na geladeira. Sem ter terminado a refeição recebo mais uma ligação da Raquel a dizer-me "Carla desce e vê se te despachas, estou aqui na portaria do prédio".

Era sexta feira e estava um dia lindo totalmente ensolarado, porém quente. Entro para o carro e digo a Raquel para abrir as janelas que estava muito quente e peço em seguida para colocar a música que nós gostamos "Djavan-Um amor puro"

***(..) Te adoro em tudo, tudo, tudo,***

***Te quero mais que tudo, tudo, tudo,***

***Te amar sem limites, viver uma grande históriaaaa, Um amor puro, não sabe a força que tem!***

***Meu amor eu juro, ser teu e de mais ninguém!(..)***

E percorremos aquele curto percurso da mutamba até a baía de Luanda ouvindo e cantando super alegres a música que tanto adorávamos,

Após chegarmos ao evento vimos a apresentação do livro e estavam outros livros e quadros a ser comercializados, de diferentes escritores e pintores. Eu estava a percorrer a feira e ainda não tinha visto algo que me impressionasse tanto, então eu deparo-me com um linda e maravilhosa pintura que retratava sobre a Igualdade Social e fiquei mais encantada com a descrição do mesmo, e então eu ouço uma voz super reconhecível a dizer-me:

***-Mais lindo que esta pintura só esse vestido no seu corpo!***

De tão distraída que eu estava nem reparei que me estavam a reparar de tal forma! E de quem vinha aquele elogio? Era ele novamente, depois de alguns dias, mais uma vez ao vivo e à cores em minha frente num lugar totalmente imprevisível de se esperar a sua presença e eu surpresa pergunto:

*-Tu? Aqui, nesse lugar? Porquê? O que fazes aqui? Tem alguém que queiras ver? Ou estás a perseguir-me ?*

*-(Rsr rsrsrsrsrs), Eu sou o dono da editora que organizou essa feira senhorita.*

*-(E eu toda envergonhada) Hamm, Ta bem!*

*-A que se deve a sua presença neste evento? Não sabia que gostasses de literatura!*

*-Irónico isto! Vim ver o lançamento do Adowa!*

*-Muito interessante este livro, bons gostos.*

*Está muito quente não? Que tal irmos tomar um refrigerante aqui próximo?*

*-(E eu sem hesitar) Estou mesmo aborrecida, vamos!*

Então saímos do local do evento e andamos uns 3 metros até chegarmos ao carro dele, eu pergunto se havia necessidades de irmos de carro e ele disse que sim! Ele todo cavalheiro abre a porta do carro para mim e eu entro, em seguida sobe no carro e pergunta o quê que eu gostava de ouvir naquele momento e peço que pusesse musicas calmas e ele pôs "Maria Gadu- Cravo e a Rosa".

Andamos uns quilómetros mas parecia que demorávamos um pouco para chegar ao destino e então eu pergunto sem entender o porque da demora:

*-Mas era só um refrigerante que iríamos beber, porquê tanta demora ?*

*-Relaxa apenas e desfruta a viagem senhorita.*

*-Não gosto que me trate por senhorita e já sabes o meu nome! mas prefiro que à partir de hoje me chame de "**Patrícia**".*

*-Tá bem, serás a minha **Patrícia**.*

Eu olhava para ele e sorria ligeiramente por fora e por dentro eu estava as borboletas morria de tesão e curiosidade, eu não conseguia ficar num lugar fechado só a olhar para ele, era tanta nostalgia, eu sentia os mesmos calafrios dantes, e quando nós chegamos eu me deparo com um edifício simples e vejo bem as escrituras para perceber onde estávamos "**Hotel Diamante Bruto**" e olho para ele e pergunto:

*- É aqui o lugar que queres beber um refrigerante?*

*-Quero comer a minha acompanhante, o refrigerante era só protesto!*

E então entramos para o hotel e nem foi preciso ele ir até a recepção, entramos para o elevador e a meio daquela curta viagem ele apalpa o meu rabo e diz que eu estava muito linda, subimos até o segundo andar e saímos dentro de um quarto super lindo e arrumado, porém cheiroso e com um som no fundo ele pega um comando e apaga algumas luzes e acende algumas velas com o comando eu estava doidaaaa, então ele pega no meu queixo com a sua mão e com uma diferença enorme de alturas ele baixasse ligeiramente e dá-me o beijo da morte, depois deitou-me na cama ainda com roupa começou a falar no meu ouvido que eu seria a sua puta ele começa a despir-me com a boca e a chupar suavemente o pescoço, tirou-me as alças com os dentes e tira o resto com a mão então ele morde-me toda até chegar aos mamilos e eu peço que morderse mais porque eu quis sentir dor e dava-me mais prazer, ele quis me ver sofrer um pouco e então com as preliminares ele começou suavemente e intensificou, mas, demorou bastante para chegar até o meu poço, mordeu o corpo todo e batia, e se intensificava a cada vez que eu gritasse mais alto, quando chegou lá em baixo ele mordia.. mordía e chupava, mas chupava como se fosse a última vez que ele estivesse a chupar algo, e ordenou-me para virar então ele bate o rabo e aperta e eu só quis que ele entrasse no meu abismo e fosse a fundo dele, então começo a gritar implorando que ele me comesse logo, mas ele quis me deixar mais louca ainda, pediu que me ajoelhasse e já despido enfiou o seu pau na minha boca e começou a fazer movimentos com ele, e eu girava a língua e punha no fundo da boca.. fechava os lábios e apertava o seu pau na minha boca, pegava e chupava loucamente com gosto e prazer e depois olhava para ele a contorcer-se de satisfação e ele tirou e batia-me com o seu pau no pescoço e na boca, então eu pedia que me comesse logo.. ele levantou-me e pôs-me em posição de canguru, enfia seu pau firme, grosso e em pé, duro e forte e vai até o fundo do meu abismo e eu me contorcia e apertava o seu pau para que não fosse tirado de mim e ele dizia que estava quente depois tira o seu pau e amarra-me, manda-me deitar na cama, veda-me os olhos e sinto algo gelado em cima das minhas costas e começo a gemer, ele passa a sua mão grande e começa a massagear-me o rabo e bate-o em seguida morde e chupa, passa a sua mão na minha borboleta e eu grito sem pudor, põe os seus dedos no meu abismo e com a outra mão bate o rabo aperta forte e diz-me "Sua gostosaaaa", morde os meus lábios vaginais e puxa , depois lambe gostoso como um cão e eu gemia feito uma cadela e penetra-me fundo e eu gritava mais alto com dor e prazer, ele sabia que eu gostava daquele massacre gostoso e então nos viemos, depois eu deito-me na cama e ele abraça-me, ficamos uns tantos minutos aí na cama, depois eu me levanto e vou ao wc para tomar um duche.. foi então que começa a tocar "Rocket-Beyoncé" e eu amava aquela música e começo a cantar e dançar sensualmente ao som da música, passo o bagnoschiuma no corpo e molho o cabelo e quando saio do duche, vejo-lhe na banheira de hidromassagem.. a beber um champanhe a apreciar-me com admiração e desejo, ele pediu que eu entrasse porque quis a minha companhia e sentia-se só.. eu entrei e ele fazia um olharzinho de safadeza, serviu-me um copo e eu movia o corpo ao som da música e cantava-lhe no ouvido e massageava o seu corpo musculado e apertava-lhe, depois

me baixei para pegar o copo e dou um gole e pisco o olho, passo o meu pé no seu peito em sinal de provocação e desço até o seu pau e ele geme suavemente e diz-me para encostar-lhe e sentar no seu colo, já ereto eu sento-lhe, cavalgo e rebolo ao som da música depois fazia aquele movimento mais vezes olhando-lhe bem firme com uma cara de safada até deixá-lo fora de si, ele puxou o meu cabelo forte e apertava-me o pescoço, mordida-me os lábios e eu chupava-lhe excitadamente, então colocou-me toda aberta naquela hidro super grande e dessa vez fodeu-me sem dor e nem piedade, passou as fronteiras e os limites todos, foi um sexo bruto e agressivo, porém gostoso e intenso, eu gemia alto de prazer e muita dor e ele gostava mas também movia-me no seu ritmo, eu arranhei-lhe e mordi os seus mamilos, apertei os seus braços e batia-lhe, ele bateu o meu rosto e depois penetrou-me no rabo, lubrificou-lhe bem, enfiou um dedinho e eu quis chorar mas me contive, depois massageou provocando prazer, a outra mão estava no meu clitóris para estimular-me mais o prazer, depois suavemente penetrou a sua cabeça e eu gritei de dor, mas deu-me um sensação diferente e eu gostei, depois pôs até o meio e eu gritei mais alto, depois enfiou tudo e fazia devagar e com gosto, deu-me mais prazer, eu me contorcia de tesão, ele bateu-me no rabo e puxou o cabelo firme e fortemente em seguida veio-se todo dentro do meu cuzinho gostoso e então chupou-me toda com jeitinho até eu atingir o orgasmo e em seguida nos contemplamos cheios de satisfações e farturas e acabamos por dormir aí abraçados.

Eram 14:30, e estava eu a fim de uma tarde ensolarada perdida e loucamente satisfeita com um homem apaixonante que fazia-me esquecer do mundo e de todas as minhas decências, ele era o meu número ideal, até esqueci-me do refrigerante porque já tinham matado a minha sede toda!

O amor que a Carla sempre sonhou em ter, e o louco que a Patrícia sempre desejou em sua vida obscura, era o desconhecido que melhor conhecia a sua sexualidade e explorava-lhe como deve ser, eles tiveram vários encontros imprevisíveis como estes e cometiam todas as loucuras possíveis que as suas necessidades padeciam, não tinha rótulos nem definições, ninguém era de ninguém, mas os dois se pertenciam, não tinha interesse financeiro ou qualquer futilidade que o imediatismo nos obriga a fazer, era mesmo Prazer e Nostalgia, algo que nunca cessasse, no meio da loucura eles gostavam-se, era intenso e foi extenso também, eles não se importavam com qualquer outra informação a seus respeitos porque não era relevante para aquele mundo em que eles viviam, era uma formalidade e sabedoria que à Carla encantava e era uma sutileza e certeza que à Pedro encantava e no fundo cada um define e desenvolve o que quer para si.

# Quarto Capítulo



**Por Diana Monteiro e Rafaela Djanira**

*“Talvez a entrega corporal preencha mais vazio, que palavras amorosas em tempos remotos”.*

*- Diana Monteiro e Rafaela Djanira.*

## Laura, a recepcionista

Eu sou a Laura Fakata, tenho atualmente 17 anos de idade e, vivo no hotel Diamante Bruto há 2 anos. Sou negra, alta, com 1.74, tenho cabelos curtos porém, uso constantemente cabelos brasileiros lisos e longos, não tenho tantos atributos (rabo ou seios grandes) mas tenho um corpo que atrai qualquer homem.

Perdi o meu pai aos 09 anos de idade. Eu e a minha mãe sentíamos-nos sozinhas e desprotegidas, a minha mãe sentia-se cansada por trabalhar tanto, então, quatro anos depois ela arranhou alguém, o sr. Carlos.

Ele era um bom homem quando mudou-se para a nossa casa, tanto para mim quanto para a minha mãe. Ele trabalhava, fazia as compras, levava-me para passear, cuidava de nós, tanto que eu pensei que ele seria um pai para mim. Um ano depois, a minha mãe fica grávida de um rapaz, só que a sua gravidez era delicada então, ela ficaria internada por três meses.

Quando a minha mãe foi levada ao hospital, na primeira semana estava tudo normal. Íamos vê-la sempre, ele cozinhava e eu arrumava, como eu e o meu pai fazíamos antes dele morrer. Na segunda semana, numa quarta-feira, eu tinha planos de ir ao túmulo de meu pai, então acordei mais cedo e arrumei e cozinhei, deixei um bilhete dizendo que iria visitar o meu pai e, depois iria ver a minha mãe.

Acabei saindo do cemitério tarde, já eram 16h e, levei muito tempo até chegar ao Rocha Pinto, pois, estava saindo do Benfica. Quando cheguei em casa, encontrei homens na porta com o meu padrasto, e eles estavam bebendo.

*– Olá. – perguntei com receio, olhando para todos eles.*

*- Filha, estás bem? – respondeu o meu padrasto vindo na minha direção.*

*- Sim. Quem são estes homens? – perguntei á ele.*

*- São amigos meus (sorrindo) mas... - respondeu enquanto pegava a minha mão.*

Eu senti alguém a tocar-me no ombro quando ouvi uma voz estranha e grossa dizendo: “*mas pode chamar-nos de pai*”. Eu fiquei assustada e quando virei, era um dos homens que estava bebendo com o meu padrasto. Ele era muito alto, grande e com muitos músculos, tinha uma cara esquisita e fedia a bebida.

*- Eu vou entrar e preparar algo para levar á mãe. – disse ao meu padrasto.*

*- Ok (sorrindo). – Respondeu.*

Eu entrei em casa, fui para a cozinha e enquanto ia para lá notei que estava sendo observada, porém não reagi. A nossa casa era pequena e feita de adobo, então, não tinha como eles não me verem. Chegando a cozinha, dois homens entraram e sentaram na sala, eu tinha medo mas achei normal porque eles já deviam estar bêbados. Fui preparando uma comida para a minha mãe, e sentia-me observada e com medo, mas eu não sabia o que fazer.

Enquanto o arroz e a galinha coziavam, ia à casa de banho para tomar banho, porém, passei primeiro no quintal para pegar a toalha. Ao entrar, fui logo à casa de banho e tranquei a porta, não porque tinha muita segurança pois, era apenas uma porta de cadeira com um mísero trinco que podia ser rompido, mas, tranquei.

Coloquei a toalha em cima da porta e fiquei a tirar a roupa, continuava a sentir-me observada, mas não podia fazer nada. Eu estava totalmente nua, inclinei-me para tirar a água da banheira quando, ouço um barulho, eram vozes, *“todos entraram”* - pensei. Molhei-me com a primeira jarra de água e, fui pegando o sabão para esfregar-me e, quando comecei, eu deixei de ouvir os barulhos deles, estava tanto silêncio que deixou-me muito tranquila, pois pensei que tivessem ido, então comecei a tomar banho com mais paz.

Ao esfregar o corpo, inclinei-me bastante para esfregar os pés, quando, sinto que tentaram esforçar a porta. Tinha alguém a tentar abri-la.

- *Quem está aí? – perguntei com medo, enquanto encostava-me na parede.*

Porém, ninguém respondia e tenta apenas romper a porta. Continuei perguntando, até que eu ouvi as gargalhadas deles, incluindo a do meu padrasto dizendo: *“ela é toda vossa como eu tinha vos prometido”*.

- *Parem! – gritava eu, assustada.*

E ele rompeu a porta, e ele estava sorrindo olhando para mim. Atrás dele, havia mais 3 homens e o meu padrasto, eles estavam sorrindo e, o homem que rompeu a porta estava se aproximando mais de mim.

- *O que vocês querem? – perguntei com medo, com um braço nos seios e o outro na vagina, encostada na parede.*

- *O teu padrasto tem uma divina connosco e prometeu que nos daria você.* – Respondeu o homem que rompeu a porta.

- *É que filha. Eu não quero morrer e a tua mãe não precisa saber.* – afirmou o meu padrasto.

Eu estava aterrorizada com eles, tanto que não me conseguia mexer. O homem que rompeu a porta, ficou de pé a minha frente e gritou: *“levanta-te”*. Mas eu estava com medo e comecei a chorar, ele pegou nos meus braços, mas não conseguia levantar-me então, os outros o ajudaram.

Levantaram-me e tiraram-me da casa de banho, enquanto eu gritava por socorro, o meu padraсто apenas levantada os ombros como se não soubesse de nada, sempre que os nossos olhos cruzassem-se. Eles meteram-me na mesa. Era pequena e de madeira, um quadrado onde eu cabia, infelizmente.

Eu já estava nua, em cima da mesa. O homem que rompeu a porta, pressionava-me sobre a mesa enquanto eu lutava para ser solta. Os outros, sentados, riam-se de mim com o meu padraсто. O homem que pressionava-me sobre a mesa, começou a apertar-me os seios, eu tive uma confusão de sensações naquele momento, porém, eu apenas lutava para me soltar. Até que o empurrei e pulei da mesa, a ir até a porta senti um braço me puxando e eu caí. Caí no chão bruto da minha casa e eles ainda riam-se de mim.

O homem que apertara os meus seios outrora, veio para cima de mim enquanto eu estava de costas. – Querias fugir de mim? – perguntou, levantando a minha cara na sua direção. Todos eles vieram na nossa direção, eu estava no meio de uma roda e, nesta roda o meu padraсто estava incluído.

O homem que estava em cima de mim, tinha uma mão na minha garganta, apertando e me sufocando e, outra estava tirando o seu pênis das calças. Quando eu senti o seu pau balançando no meu rabo eu entrei em pânico, esperneeiei, tentei gritar, tentei fugir mas, de nada serviu.

Ele tirou o seu pênis e eu o senti fora, tirou a mão de minha garganta e colocou-a nas minhas bochechas, pressionou-as e eu abri a boca. Ele passou a sua mão porca dentro da minha boca e com a minha saliva ele molhou o seu pau. Após isso, ele foi procurando o orifício da minha vagina com o seu pau e, quando encontrou, não hesitou e o enfiou. Tapou-me logo a boca e o pós bem fundo.

Ele fodia-me porcamente, como um homem primata. Ele fedia a bebida, roupas meio sujas e aquele pau, que passou em diversos sítios, entrou em mim. Quebrou a minha barreira (virgindade). Eu senti a minha inocência a ficar naquele chão a partir daquele momento, o meu corpo prematuro estava a ser usado como um objeto, porque, depois ele levantou-se e virou-me. Eu estava fraca e sem reação e ele abriu-me as pernas, e voltou a enfiar o seu pau dentro de mim, enquanto lambia os meus seios mau formados e, plantava em mim o nojo e ódio dos homens.

Enquanto ele comia-me como bem queria, os outros assistiam desesperados de tesão pela sua oportunidade, incluindo o nojento do meu padraсто. E, quando o primeiro acabou eu levantei-me e fui para o meu quarto. Eles estavam seguindo-me é claro, mas pararam na porta do quarto, eu entrei e o segundo entrou também, fechou a porta e começou logo a despir-se. Quando eu virei e olhei para ele, eu tentei lutar mas de nada adiantou.



Ele pegou-me nos braços e ficou me sacudindo, como se eu fosse um trapo ou uma boneca de pano e, atirou-me contra a parede. Pegou o seu cinto e passou-o entre o meu pescoço e puxou, eu era uma cadela com trela. A cadela dele naquele momento. Virou-me e baixou-me, com o cinto entre o pescoço e frente á frente ao pênis dele, ele encostava o seu pau na minha boca e dizia *“chupa sua cadela, chupa”* sorrindo. E eu abri a boca e ele logo introduziu-o dentro, eu não resisti e mordi-lhe.

Mordi o seu pênis, enquanto cravava os dentes lá, eu senti a pressão deles sobre as suas veias e monte de carnes e músculos que ele contém no pênis e o seu grito de dor foi tão satisfatório que acho que atingi o orgasmo naquele momento, enquanto ele queixava-se de dor, eu sorri de felicidade. Aquilo fez-me bem, eu estava satisfeita com aquilo. Logo puxei o pano e abri a porta, burra eu que pensava que poderia fugir. Já deviam ser 20h e alguma coisa e tinha muita gente na rua, mas parecia que ninguém me ouvia.

Quando eu abri a porta do quarto, eles estavam aí, o meu padrasto e os outros dois. O homem que violou-me primeiro estava deitado no sofá, com cara de satisfação. Eu estava pasmada ao ver-lhes aí, quando fui puxada para trás pelas tranças, era aquele maldito. Era puxada para trás e eu dava mesmo passos para trás, quando, o meu padrasto também entrou no quarto com os outros homens.

Ele e os outros tiraram a roupa e deitaram na cama em fila indiana e ficaram a olhar para mim, e o outro, que me puxara, estava atrás de mim. Eu estava entre a cama e aquele homem, quando, ele inclinou-me contra a cama chamando-me de cadela e vadia. Eu gritava mas eles riam-se, e ele penetrou-me o rabo. *“É assim que eu trato as vadias fingidas como tu”* ele disse.

Enquanto eu gritava e ele fodia-me o rabo, o meu padrasto levantou-se e foi sentar-se à minha frente, na parte de frente da cama, apoiando -se naqueles ferros da cama. Ele sentou-se e pegou-me nas tranças e foi baixando a minha cabeça até ao seu pênis e obrigou-me a chupar-lhe. *“Se você me morder, eu vou fazer algo que vai doer muito”*. Disse ele.

Eu meti o seu pau na minha boca, e em seguida ele foi fazendo os movimentos com a minha cabeça com ajuda das tranças. E, é claro os outros não ficaram a assistir o pornozinho sem fazer nada. O que me foderam, deixou de penetrar e o meu padrasto afastou-me, e eu levantei e fui deixada cair no chão.

O que me penetrara no rabo deitou-se ao meu lado e mandou-me ir para cima dele, e eu fui. Ele penetrou-me na vagina e baixou-me sobre o seu peito e obrigou-me a beijar-lhe. Enquanto isso, eu senti alguém a pegar-me no rabo e, em seguida penetrou-me lá. Fui duplamente fodida naquele momento. Eram orgasmos e sangues a serem expulsos. Lembro que pouco tempo depois, eu fui apanhando a tesão deles, quando o homem que estava em baixo de mim começou a lamber-me os seios de novo.

Eu senti algo a vibrar-me na vagina, era algo louco, eu estava a gostar do que o que eles estavam a fazer. Eu queria mais, era uma tesão do caralho mesmo. Ele lambia-me lentamente os mamilos, e apertava-me o resto dos seios, e ao mesmo tempo fodia-me estupidamente. “ *Carlos vem!*” disse eu, e ele aproximou-se sorrindo. Eu peguei o seu pênis e comecei a puxar, ele não entendeu mas, aproximou-o de mim e eu comecei a chupar.

Chupeí com gosto, meti-o dentro da boca e, comecei a chupar lentamente, eu senti-o a deslizar lentamente para dentro da minha boca, eu chupava e lambia-o como se alguém me estivesse chupando também. E eles notaram que eu estava muito tesa e não pararam. Fizeram-no com mais força. E o outro que estava assistindo, foi perto de mim também, e eu fiquei chupando os dois enquanto era fodida por dois também.

Eles trocavam de lugar é claro, mas eu fodi com quatro homens no meu quarto naquela noite. Por volta as 23h, batem a porta, e eles soltam-me. Obrigam-me a tomar banho e a preparar-me bem. Eu realmente não entendi porém o fiz.

Quando sai da casa de banho, a minha casa estava cheia de homens, e o meu padrasto disse que eu teria que foder com todos eles, eu disse que estava bem, porém precisava ir buscar algo lá fora. Eu estava com um pano amarrado no corpo e nada mais e fugi de casa. Corri sem ver direção.

Atravessei a ponte do Rocha e continuei a andar sem querer saber, era uma noite fria e, para além da luz dos postes, tinha carros a passarem e pessoas a olharem para mim. Eu estava assustada, muito mesmo. Já deviam ser 2h ou 3h, quando encontrei um homem que perguntou-me porque estava andando assim pelas ruas aquela hora da noite.

- *Eu fugi de casa e não sei para onde ir.* – Respondi-lhe.

- *Porquê?* - perguntou-me admirado, enquanto tirava o casaco para cobrir-me.

- *Porque o meu padrasto violou-me. Ele e alguns amigos.* – respondi chorando.

- *Calma. Eu sei o lugar ideal para ti. Vamos?* - perguntou-me enquanto abria a porta do carro.

- *Sim.* – respondi.

Lógico que eu pensei que ele me iria ajudar. Entrei no carro e não disse mais nada, tocam músicas em inglês no seu carro e sempre que ele olhava para mim, ele sorria. Como se fosse uma boa pessoa. Até que chegamos na praia, eu estava admirada por lá estar e não hesitei em perguntar.

- *Porquê me trouxe aqui?* – perguntei olhando-o.

- *Porque é aqui que ficarás agora.* – Respondeu enxotando-me do carro.

- Mas...

- Sai daqui. – Respondeu-me gritando, enquanto descia do carro e abria a porta do meu lado, puxando-me para fora do carro.

Após eu sair do carro, ele entrou de novo e arrancou com o carro sem recuar uma única vez. A noite ainda estava gelada, e eu estava com medo. Eu fiquei na ilha de Luanda mais de três semanas, sendo fodida por diversos homens estranhos até que eu conheci a Carol. A Carol virou a minha melhor amiga. Ela era prostituta da ilha e, transformou-me numa também. Até que certo dia, nós fomos ter com um grande carro branco e:

- *Olá.* – *dissemos eu e a Carol.*

- *Olá meninas.* – *Respondeu-nos uma rapariga.*

*Estávamos muito admiradas.* – *O que deseja?* – *perguntamos.*

- *Vocês trabalham aqui?*

- *Sim.*

- *Quanto ganham por dia?*

- *Depende da clientela.*

- *Mais de 100 mil.*

- *Não!*

- *Então entrem. Vou tirar-vos dessa vida.*

Nós estávamos admiradas, mas não hesitamos e entramos no carro. Tinha champanhe e, aquela miúda estava muito bem vestida. Após alguns momentos dentro do carro, eu perguntei:

- *Para onde vamos?*

- *Para o hotel do meu pai.*

- *Vamos ser prostitutas de luxo?*

- *Isso também.*

- *Como assim?*

*- Vocês serão funcionárias do hotel e prostitutas dos hóspedes.*

*- E quanto iremos ganhar? Onde iremos dormir?*

*- Muito mais do que vocês já imaginaram e dormirão lá mesmo.*

Nós estávamos ansiosas e excitada e com isso é estranhávamos muito. Bebemos champanhe e aproveitamos o clima. Quando descemos, estávamos na garagem do hotel, a menina desceu e fez o sinal para a seguirmos e lá fomos nós.

Ela apresentou-nos os quartos e, os nossos trabalhos. Eu, como recepcionista e a Carol como camareira. Os nossos uniformes quase que mostram todo o nosso corpo, tudo decotado e saias muito curtas, saltos altos e muita maquilhagem. Ela apresentou-nos tudo e deixou -nos dormir. Na manhã seguinte, ela apresentou-nos ao pessoal, onde conheci a Suzana que é outra camareira, a Rita e a Josefa que são as cozinheiras, a Joana e a Luzolo que são garçonetes do restaurante, o Hermenegildo que é o bagageiro, o José e o João que são os porteiros, o Irineu que é o outro recepcionista, o Simão que é da área da contabilidade e ela própria que é a Ana Carina administradora de tudo no hotel e filha do dono, o senhor Brito. Eu admirei por ter pouco pessoal para um hotel tão grande, mas fiquei feliz por fazer parte daquela equipa. Ela explicou a mim e a Carol que ninguém mais sabia que eram prostitutas, então não devíamos comentar com ninguém e nós concordamos. E na mesma manhã, começamos o trabalho.

Eu estava sentada na área da receção quando o Hermenegildo aproxima -se de mim.

*- Olá. – ele gaguejava.*

*- Olá (sorrindo). – respondi.*

*- Tudo bem? Eu sou o Hermenegildo.*

*- Tudo. Prazer, eu sou a Laura.*

*- Mas.. podes chamar-me de Gil ou Gildo.*

*- Fixe, podes chamar-me de Lau.*

*- Bom. Muito gosto Lau. Quantos anos tens?*

*Eu logo pensei, eu não podia dizer a minha verdadeira idade, eu iria estragar tudo.*

*- 20 e tu?*

*- 22. Parece ser tão nova.*

- *É. Não é?*

- *É. És muito bonita és.*

- *Obrigada.*

Em seguida chegou um cliente e o Gil foi de novo para o seu lugar de trabalho.

- *Olá. - disse-me o cliente.*

- *Olá. Seja bem-vindo ao Hotel Diamante Bruto, onde a satisfação do cliente é a nossa alegria. Em que posso ajudar?*

- *Bem, eu quero alugar um quarto. O quarto 269 por favor.*

- *Claro. E tem o bônus por ser o dia dos namorados. Deseja um jantar?*

- *Sim.*

- *Claro. Os seus documentos por favor.*

- *Aqui os têm.*

- *Muito obrigada, cá tem as suas chaves e aproveite a estadia.*

- *Muito obrigada.*

Enquanto o cliente ia pegar o elevador, a sua carteira caiu e, como era óbvio, eu pensei que fosse um sinal para eu seguir e ter que ir ao quarto dele. Então peguei a carteira depois dele subir ao elevador e ficou comigo na receção. Como eu largava as 17h, logo eu subiria. Esperando aborrecidamente, o telefone toca.

- *Alô?*

- *Alô, é da receção?*

- *Sim. Em que posso ajudar?*

- *É o cliente do quarto 269, eu deixei cair a minha carteira...*

- *Sim. Está aqui.*

- *Poderia trazê-la?*

- *Claro.*

Pousei o telefone e fui levá-la. Acenei ao Gil enquanto pegava o elevador e, subia para o terceiro andar. Eu já estava molhada de tesão com a carteira na mão. Chegando lá, fui se dirigindo ao quarto do sr. e reparei que, quase nenhum hóspede ficava hora do quarto mas não levei avante. Bati a porta do quarto.

- Com licença?

- Pode entrar.

- Com licença. Senhor a sua carteira.

- Claro. Pode deixar ai na cama.

- Claro.

Como não vi nenhum impacto sexual, deixei a carteira e esperei um pouco. Como ele não saía da casa de banho, comecei a dirigia-me a porta, quando, ele sai.

- *Recepcionista?*

- *Sim?*

- *Uau! Já vai?*

- *Sim. O sr. precisa de alguma coisa?*

- *Sim. Eu quero mostrar algo que encontrei cá no quarto.*

- *O que?*

- *Está na casa de banho. Por favor.*

- *Claro.*

Quando eu passei a frente dele, ele puxou-me e deixou cair a sua toalha, ficou apertando-me os seios e, em seguida, começou a passar a sua mão na minha vagina. Eu estava a ficar cada vez mais molhada e excitada, os meus mamilos estavam eretos demais e, então ele desencostou a minha cueca e enfiou dois dedos e eu, coloquei as mãos na parede e inclinei mais o rabo, em seguida ele penetrou-me bem fundo. Eu senti o seu pênis a afundar-se nas marés da lubrificação da minha vagina e ele remava-me e eu gostava. Eu gemia de prazer e ele fodia-me mais e mais. Foi uma “rápida” como ele chamou. Eu endireitei-me e sai do quarto com um sorriso no rosto. Ao fechar a porta do quarto deparei-me com o Gil no corredor.

- *Oh, meu Deus! Gil que susto.*

- *Des... desculpa.*

- *Não faz mal.*

- *É que você demorou muito e eu vim ver o que se passava.*

- *Ahm! Nada nada.*

- *E aqueles gemidos.*

- *Quais?*

- *Eu ouvi.*

- *Deve ter ouvido mal.*

- *Está amarrotada.*

- *Gil, vá se meter na sua vida por favor.*

Dei logo às costas e fui ao elevador, dentro dele, deparei-me com a Suzana, ela é grande e com uns seios enormes. Marcava-se os mamilos eretos dela, e a sua maquilhagem borrada, mas eu não dei importância. Eu desci do elevador e contive-me na receção. Horas depois, chegou mais dois clientes que, depois de subirem, um ligou a pedir a Rita e o outro a Luzolo e eu mandei-as subir. Logo depois, o meu colega veio substituir-me.

- *Laura já podes ir descansar.*

- *A sério?*

- *Sim.*

- *Bem, eu vou fazer-te um pouco de companhia enquanto espero a Carol sim?*

- *Claro.*

Nós conversamos muito. Tanto que, depois chegou uma mulher para ir ao quarto 269 e eu indiquei-lhe, no fundo eu estava a rir por saber que ele fodeu-me primeiro e que ela era apenas mais uma. Eu e o Irineu conversamos por muito tempo, até que, a Carol apareceu e fomos embora. Despedimos o Irineu e ao Gil que estava na porta e fomos para os nossos quartos. No meio do caminho, a Carol contou-me que ela atendeu mais de quatro clientes mas, foram todos queridos com ela. Nenhum bateu-me ou chingo-lhe como os homens da ilha. Ela realmente estava feliz lá, e eu também.

Chegando ao quarto, tomamos banho e adormecemos. Estávamos cansadas, foi um longo dia de trabalho. No meio da noite, o telefone do nosso quarto toca, era o Irineu da recepção.

- Alô..

- Laura?

- Sim?

- É o Irineu. Tem um cliente que quer falar contigo.

- Quem?

- Do quarto 67. Ele diz que deixaste algo lá, ou sei lá.

- Está bem.

Levantei-me e tomei banho. Preparei-me porque já sabia o que me esperava. E peguei o elevador. Chegando no quarto.

- Com licença?

- Quem é?

- A recepcionista.

- Pode entrar.

- O senhor chamou-me.

- Sim. Pode aproximar-se querida.

- Sim senhor?

- Sente-se aqui.

E lá eu sentei. Ele foi lentamente me apalpando os seios, e abrindo a minha camisa, deixando de fora os meus pequenos seios e a minha barriga. *“levante-se e tire a roupa”* disse ele. Eu levantei e tirei a camisa, abri o sutiã e tirei a saia, ao tirar a cueca ele disse *“pára e deite-se aqui”*, e eu deitei. Ele foi para cima de mim e, lentamente tirou-me a cueca com as mãos, baixou-se entre as minhas pernas e colocou sua língua na minha vagina, foi lambendo lentamente de cima para baixo, as vezes, até chupava. Metia um ou dois dedos, e eu gemia. Não aguentava a pressão da tesão.



As vezes, ele tirava os dedos da minha vagina e, apertava-me os seios com aquela mão. Ele chupou-me lentamente e bem. Ele foi subindo com a sua língua, da minha vagina ao meu abdômen e de lá, aos meus seios. E quando lá chegou, o seu pênis enfiou. Pau pequeno e não me fazia efeito. Após o enfiar, eu fiquei admirada e eu queria rir, era uma miniatura dentro de mim, um mínimo palito de fósforo.

Mas deixei-me levar pelo momento, mas não me satisfez. Nem um pouco mesmo. Ele pôs-me de várias posições, de quatro, em cima, de lado, porém, em sua maioria tivemos que nos ajeitar pois o pênis não entrava por ser tão pequeno. Em menos de duas horas eu saí de lá, ele estava feliz e satisfeito, mas eu não. Ao sair do quarto, senti que estava a ser observada e, comecei a andar rápido até ao elevador. Quando cheguei no mesmo, vi o Gil a vir na minha direção e fiquei assustada, ele não chegou a entrar porque o elevador fechou-se e eu descí. Mas eu assustei-me a sério. Para ir ao meu quarto, eu passava pela receção.

Passando por lá, eu vi a moça que foi ao quarto 269 mais cedo enroscada ao Irineu, mas ela saiu daqui quando me viu. O Irineu olhou para mim e sorriu de vergonha.

- *Não é o que estás a pensar Laura.*

- *Eu não estou a pensar nada.*

- *Laura é que...*

- *Nada. Podes levar água para o meu quarto ?*

- *Claro..*

E eu fui ao meu quarto. Esperei um pouco o Irineu mas acabei adormecendo.

De manhã, por volta das 7h, ao acordar, mal abro os olhos para a realidade é ouço gemidos vindos da casa de banho. – *quem será?* – pergunto. Destapo-me e vou até lá ver, devagarinho com passos leves, mas cada vez que encosto, os gemidos parecem ser mais profundos. “*vai, vai, ahm! Assim*” ouvia eu. Encostei-me mais e abri devagar a porta, logo vi a Carol e o José em fortes foadas. Ela estava totalmente aberta no lava-cara enquanto ele fodia-a brutalmente, eu fechei a porta em seguida e comecei a ir enquanto dirigia-me para a cómoda para pegar o uniforme.

Peguei-o e saí do quarto. Eu estava com um pequeno vestido de noite, chinelos e o uniforme na mão, bocejando e andando em direção aos toalhetes do hotel encontro-me com o Irineu saindo do quarto de Ana Carina.

- *Olá.*

- *Olá Laura. Estas vestida assim porquê?*

- *Vou vestir no toalhete do hotel.*

- *Ah, eu acompanho-te.*

- *Claro.*

Enquanto seguia-mos para o elevador, eu observava-o e ele estava sorrindo, não sei porquê mas, fiquei encantada com esse aquele sorriso. Chegando ao elevador, ele, como o cavalheiro que é, deixou-me entrar primeiro e depois seguiu-me. Eu quis tocar-lhe, é difícil de explicar, eu o quis, eu quis aquele homem, não só para me foder mas para mim. Eu tinha menos de 5m, então, fiquei olhando fixamente para ele e ele começou a olhar para mim também, foi um confronto de olhares..

Eu mordi os lábios para ele tesar, mas, aparentemente não deu resultado. O elevador desceu por completo e, descemos, continuamos uma conversa normal sobre como funciona o hotel e fomos até ao toalhete e, ele esperou-me na porta. Eu entrei e tirei toda a roupa, estava completamente nua e comecei a simular gritos como se visse algo assustador e comecei a chamá-lo, essa foi a minha jogada chave naquele momento. Porque eu me contentaria em tê-lo só uma vez.

E lá ele entrou. Perguntando o que tinha acontecido e eu, explicando tudo de maneiras desordenadas, ele acalma-me e pede para eu respirar fundo, diz que deveria deixar de ter medo com insetos, quando ele notou que eu estava mais calma, ele abraçou-me, quando ele afastou-se, eu beijei-o, sem pensar muito. Beijei-o. E ele correspondeu, passando a língua entre os meus dentes e as mãos no meu rabo. Enquanto nos beijávamos, ele passava a mão no meu rabo e a outra nos meus seios. Um beijo agressivo e explosivo de tesão.

Quando o elevador desceu, a Suzana e o Gil estavam na receção e acabaram por ver-nos. Nós não demos conta e continuamos aos beijos até que a Carol bate palmas e começa a sorrir, nós olhamos para eles e eu vi a tristeza na cara do Gil do não percebi o porquê, o Irineu começou a sorrir de vergonha e abraçou-me, chegamos de sair juntos do elevador e fomos á receção ter com eles, porém o Gil se foi e nós não percebemos e nem demos importância. A Carol ficou a elogiar-nos e nós ficamos aí, em uma conversa sobre isso.

Depois de uma hora, o Irineu ia assumir a receção porque queria que eu prepara-se uma surpresa para ele mais tarde, então eu e a Carol fomos as compras no Candando. Compramos velas aromáticas, flores, chocolates, etc. Voltando para o hotel, eu pedi que a Carol acompanhasse-me até a minha antiga casa, para ver a minha mãe ou até o meu padrasto e ele ver como eu mudei em tão pouco tempo.

Chegando no Rocha, eu e a Carol entramos nos becos para chegar até a minha ex-casa. Chegando lá, eu ouvi os gritos de um bebê, e enchi-me de alegria e fui logo bater a porta, quem me atende é logo a minha mãe, admirada e surpreendida por me ver ela olha fixamente para mim.

- O que fazes aqui sua desonrada, sua vadia?

Ela perguntava para mim, enquanto choutava a mim e a Carol da porta de casa. Ela gritava constantemente: - *“vai-te embora sua cadela!”*, então, com vergonha eu e a Carol fomos embora. Saindo da minha antiga rua, deparei-me com o meu padrasto e aqueles homens na roulotte Burguesa a beberem, passei devagar para ele ver o quão bonita e mudada estou, e consegui, ele olhou para mim. Eles ficaram a assobiar para mim e a Carol sem me reconhecerem, todos menos o meu padrasto, pois ele tentou aproximar-se de mim mas eu não deixei, e fomos embora.

Sáímos do Rocha á Maianga sem dizer nada uma a outra, a Carol simplesmente abraçou-me, sem ela dar conta, ela estava a confortabilizar-me muito. Chegando novamente ao hotel, eu ouço gritos vindos da recepção e vou lá ter, era o Irineu e o Gil a lutarem e as pessoas a tentarem separá-los. O Irineu estava em cima do Gil a dar-lhe socos e o pobrezinho que nem força tem, não conseguia se defender, pousei as compras e tentei separá-los claro, eu e a Carol. Até que o Irineu soltou-lhe e disse-lhe – *“cuidado com o que falas sobre a minha miúda”*. Eu logo percebi que era sobre mim que estavam a falar, a Carol foi acalmando as pessoas para isso não chegar na boca da Ana, e eu tirei o Irineu daí. Fomos para o meu quarto.

No elevador eu estava a criticá-lo, quando descemos dele, deparamo-nos com a Ana, e ela pergunta porque não estávamos a trabalhar sorrindo, e eu digo que o Irineu estava a sentir-se mal então, eu vou apenas cuidar dele e volto. Ela logo interrompe-me e diz: - *“Não, volta para o trabalho que recebi queixas do quarto 459. Vai eu cuido dele.”* Eu despedi o Irineu e voltei a recepção, deixando-os aí.

Chegando lá, a Carol já tinha acalmado os clientes e estava a ralhar o Gil, onde ele dizia que o Irineu foi para cima dele é que foi para cima dele do nada, ele apenas comentou que acha estranho eu sair do quarto dos hóspedes toda desarrumada e a meio da madrugada, a Carol disse-lhe que isso não era da conta dele e que ele devia se meter na vida dele. Eu dirigi-me ao balcão da recepção e chamei a Carol, claro que nem ia falar com o Gil. Quando a Carol vem, ela diz-me para ficar calma e pergunta-me sobre o Irineu, eu disse que encontramos a Ana e ela ficou com ele e mandou-me voltar, a Carol abraça-me e diz para eu ficar calma, eu dei conta que o Gil estava a sorrir, mas não disse nada, apenas mantive a distância.

Desde esse dia, durante meses, as coisas acalmaram-se.

No dia 09, por volta das 12 ou 13 horas, o Irineu vai ter comigo na recepção e ficamos a conversar, atendemos mais de dois hóspedes juntos, e era tudo tão bonito, jamais imaginei que aquilo acabaria. Por volta das 17 horas nós íamos trocar de turno mas ele não queria, ele queria trabalhar daquela maneira, trabalhar comigo. No meio da nossa conversa ele começou a sentir-se mal, dizia que sentia calor e que alguma coisa estava fervendo dentro dele, ele não respirava e eu estava agitada, gritei por socorro e ninguém apareceu no momento, ele começou a sair no meu braços e a Carol apareceu. Ele não conseguia falar e a Carol ligou para a ambulância, quando vimos que ele já não tinha reação, eu fiquei pasmada e a Carol desligou a chamada, eu não conseguia acreditar que ele morreu, porque? Como? Eu não sei o que devia ter pensado. Eu só conseguia gritar e bater nele para ver se ele acordasse mas nada.

Entrou uma hóspede que viu aquela situação, e ligou para a polícia. A Carol ficou ligando para a Ana mas ela não atendia, e quando a polícia chegou ficou perguntando pela Ana, e a Carol voltou a ligar e ela atendeu dizendo que estava a vir. Eu estava em choque e não conseguia parar de chorar. Quando a Ana chegou ela estava assustada, principalmente depois de ver o corpo, porém, quando a polícia perguntou os suspeitos ela citou a mim e ao Gil. Como ela pode ter feito isso? Porquê? Eu não entendi nada, mas reclamei e neguei claro, como poderia eu ter matado o meu amor? Depois da polícia ir, a Ana já não estava lá, e a Carol levou -me para o quarto. Quando lá chegamos, eu vi o capataz dela no corredor mas achei super normal. O hotel era público então eu não podia ter reclamado nada.

Eu não conseguia dormir, o Irineu tinha morrido e eu era suspeita. Alguma coisa podia piorar? As horas passavam como gelo a ser coado. Porém, na manhã seguinte quando acordei, a polícia já estava no hotel, e na minha porta. Quando eles entraram, um dos agentes pegou-me e algemou-me. Disseram que eu estava a ser acusada ou suspeita de duplo assassinato, do Irineu e da Ana, *“a Ana está morta?”* eu estava admirada, assustada e muito mais. A polícia revistou o meu quarto mas, acabaram por encontrar uns frascos de veneno na casa de banho, eu gritava que aquilo não era meu mas não me ouviram e levaram-me. Passando pelo corredor todos os hóspedes olharam para mim, quando passei pela recepção a Carol estava admirada e assustada, eu notei. Ninguém me queria ouvir. Meteram-me no carro e levaram-me para a esquadra, dois dias depois levaram-me para a Comarca Feminina. Durante semanas eu não vi absolutamente ninguém do hotel, nem sequer a Carol.

Passaram-se semanas e nem julgamento, nem visitas eu recebia. Certo dia, de manhã, o Gil estava na sala de visitas, quando avisaram-me que tinha visita eu logo pensei que fosse a Carol mas não era.

- *Olá, o que fazes aqui?*

- *Vim ver-te. Como estás?*

- *Como achas que estou?*

- *Não sei.*

- *Porque quês a Carol não veio?*

- *Ela está morta.*

- *O quê? Como assim?*

- *Sabes quem matou o Irineu?*

- *Não!*

- *A Ana.*

- *Mas ela também morreu.*

- *Pois é! Eu vim avisar-te algo.*

- *O... o que?*

- *Que irás pagar.*

- *Como assim?*

Ele levantou e foi embora, eu gritei para ele voltar mas a guarda levou-me para a cela de novo. Eu não percebia nada do que se passava, como assim a Ana e a Carol estavam mortas? E o Irineu? Qual a ligação? O desespero e a solidão, a dúvida e o medo tomaram conta de mim por muito tempo.

# Quinto Capítulo



**Por Diana Monteiro e Rafaela Djanira**

*“Tudo o que sabemos até hoje, é graças a tudo o que nos foi ensinado, mostrado ou dito. Então, não espere que sejamos iguais se nunca presenciamos os mesmos factos”.*

*- Diana Monteiro e Rafaela Djanira.*

## Carol, a camareira

Eu sou a Carol, sou de raça branca, sou brasileira e atualmente tenho 19 anos. Sou média, tenho 1.67, tenho seios grandes, um cabelo longo, um rabo grande, e um sorriso chamativo.

Até aos meus 13 anos, eu vivia apenas com a minha mãe e o meu meio irmão mais velho no Brasil, São Paulo. Porém, no mesmo ano a minha mãe sugeriu que vivêssemos em Angola, para fazermos dinheiro. Lógico que de primeira instância o meu irmão mais velho aceitou, mas eu não. Eu não queria viver com ele em Angola.

Mas a minha mãe começou a tratar de tudo. Sempre que ela saísse, o meu irmão e o melhor amigo dele, o Ricardo, batiam-me com um cinto em lugares como às pernas, costas, para a minha mãe não ver. Batiam-me em forma de castigo, sempre que eu não fizesse algo que eles mandassem.

O meu irmão e o Ricardo drogavam-se, porém a minha mãe não sabia. Eles recebiam cocaína mas não pagavam, e sempre que o Zé Negrão vinha cobrar com os homens dele, o meu irmão obrigava-me a transar com eles para adiar o pagamento. Eu era como uma espécie de recompensa ou lanche antes da refeição principal para eles. E quando eu negasse, o meu irmão e o Ricardo batiam-me mas, eu acabava por transar com eles.

Então, eu acabei por ter um caso com o Zé Negrão, porém ninguém soube. Sempre que ele fosse cobrar o dinheiro da droga ao meu irmão, e ele me obrigasse a transar com o Zé e os seus homens, eu só transava com o Zé, e os outros homens ficavam de vigia. Esse caso durou até ao dia que a minha mãe disse que já tinha tudo para irmos embora. Eu disse ao Zé que eu ia para Angola, mas ele não aceitava e dizia que eu podia viver com ele. Porém, eu era jovem demais e tinha medo que, quando ele encontrasse outra mulher eu seria descartada.

Então, eu acabei viajando com a minha mãe e o meu irmão. Nesse dia, o Zé foi até ao aeroporto e a minha família ficou admirada, ele abraçou-me e beijou-me a frente de todos, algo que ele nunca fez. Quando avisaram que o voo sairia, o Zé disse para mim, eu vou te encontrar e cuidar de ti. E eu fui ao avião.

Horas depois, chegamos em Angola. Eu não tinha como avisar ao Zé porque não tinha telefone, nem o número dele. Quando saímos do aeroporto, ficamos a pedir indicações de como chegar ao Prenda. Pegávamos táxis atrás de táxis, acreditávamos que estávamos perdidos, porém estávamos muito próximos, paramos em uma roulotte para comer e continuamos a caminhada para casa.

Chegando na suposta casa e a minha mãe acertou tudo com a dona do apartamento e entramos, arrumamos, comemos e dormimos. Nas primeiras semanas, a minha mãe ficou procurando emprego e eu e o meu irmão procurávamos escolas. Depois de uns meses, estávamos todos estabelecidos.

Eu e o meu irmão estudávamos na mesma escola, só que em andares diferentes. E a minha mãe, tinha um emprego de faxineira em algumas casas. Durante esse tempo, o meu irmão não me batia e nem tínhamos problemas. Certo dia, alguém liga para a minha escola para falar comigo, dizendo que era meu encarregado e eu fui lá para saber quem era. Era o Zé, dizendo que tem saudades e que brevemente estaríamos juntos.

Passaram-se 2 anos, e eu não tinha mais notícias do Zé. Até que, eu e o meu irmão chegamos em casa e não encontramos a nossa mãe, o que chegou a ser estranho. Esperamos ela até a manhã seguinte e ela não apareceu, acabamos por ir a polícia. Durante uma semana não tivemos notícias dela, até que um agente avisa-nos que ela apareceu morta. Na época eu tinha 16 anos, e o meu irmão 19.

O meu irmão começou a fazer muitas dívidas e como sempre, eu pagava com o corpo. Só que dessa vez, ele usava o dinheiro emprestado para comermos, estudarmos e vivermos. As vezes, ele chegava espancado em casa e eu tinha que cuidar dele, e a noite eu tinha que ir dar o corpo para pagar a dívida.

Até que uma noite, o meu irmão não voltou. Eu já sabia que ele não voltaria. Então, arrumei as minhas coisas e fui a ilha, lugar onde eu dava o corpo para comer. E comecei a vida de prostituta. Eu dormia com vários homens por dia, para poder fazer dinheiro suficiente para comer. As vezes, eu tinha que transar com grupinhos e outras vezes eu era violada, espancada, e até, alguns, usavam armas para ameaçar-me e não pagar-me.

A minha vida era infernal, eu era uma escrava sexual, as vezes, eu clamava para reencontrar o Zé, mas outras vezes, eu sentia nojo de mim mesma. Tinha medo da reação que ele teria em saber o que aconteceu comigo e já não me querer mais. Outras vezes eu pensei em acusar o meu irmão, porém eu não podia entregar uma cruz á um cadáver para carregar. Eram dias horríveis, noites passadas em claro.

Até que eu encontrei a Laura, coberta de panos e assustada. Eu reconheci aquela cara, pois, eu já a tive antes. Ela contou-me a história dela, e eu a minha, dormíamos com vários homens só para nos podermos sustentar. Nos defendíamos e nos consolávamos. Parecíamos irmãs, as que nunca tivemos.

Ficamos juntas por muito tempo na ilha, até que apareceu o carro branco que levou-nos ao hotel Diamante Bruto. Na mesma noite que chegamos ao hotel foi-nos apresentado todo o pessoal e basicamente o dono do hotel, o Sr. Brito. Na mesma manhã acabamos por começar a trabalhar, a Laura na recepção e eu como camareira.



A Laura tivera ficado na recepção, quando, eu ia arrumar o meu primeiro quarto, o quarto 334. Entrei e não deparei-me com ninguém, então, comecei a arrumar. Tirei os lençóis e os cobertores, quando ouço o barulho de alguém a abrir a porta. Eu estava inclinada e o rabo quase todo de fora, seios idem, metendo outras roupas de cama. Quando um senhor entra no quarto e assobia, dizendo que não esperava uma mulher tão linda, e eu tinha que sorrir e agradecer.

Ele era um velho, veio atrás de mim e abraçou a minha cintura. Batia-me no rabo e fazia movimentos como se estivesse a remar-me, acabamos por ir para a cama, ele em baixo e eu sentada em cima dele. Ele apertava-me os seios e sorria, eu pensava o quão nojento seria ter que chupar aquele velho decaído. Enquanto ele apertava-me e divertia-se, alguém abre a porta e entra, eu fiquei na dúvida e se é mais um dos hóspedes ou um empregado, porém, não levanto.

Quem entra? O sr. Brito. Encontra-me a ser apalpada e acariciada por outro homem, então, ele junta-se á nós. Ele vem a minha frente e beija-me, enquanto o velho despia-me, o senhor Brito chupava-me os seios, enquanto o velho enfiava dedos na minha vagina, o senhor Brito continuava a chupar-me. Deitaram-me na cama e o senhor Brito começou a lamber-me a vagina, assim suavemente. Enfiando um... não dois... quer dizer três dedos enquanto lambia-me, e com calma ia chupando-me. Enquanto Isso, o velho lambia-me e apertava-me os seios. O sr. Brito estava entre as minhas pernas e o velhote, estava deitado no lado esquerdo da cama, inclinado, chupando-me os seios.

Eu estava como uma vaca louca de tanta tesão. Eu queria chupar-lhe, eu queria aqueles dois paus dentro de mim, porém, o velhote precisava de comprimidos para o seu pênis erguer-se. Ele levantou e tomou-os. Deitou e pediu-me para ir em cima dele, e eu fui.

Enquanto eu estava em cima dele, o Sr. Brito estava sentado na cabeceira da cama, e eu chupava-lhe. Eram fortes remadas nesse ménage, as vezes, o Sr. Brito metia o seu pau no meu rabo e dava umas “reencaminhadas”. E quando eu me estive a vir, eu estava louca, gemendo e apertando a cama, pois, nesse momento, o senhor Brito me estava fodendo o rabo e o velhote a vagina com dois dedos penetrados. Me chupando o seios e... e... eu apoiei-me na cama enquanto remava e era remada, apoiei-me nos ombros do velho, até que, apoiei-me no seu pescoço. Eu e o Sr. Brito estávamos loucos de tesão que nem demos conta, que o velho estava se sufocando.

Quando aqueles minutos de tesão acabaram, eu deitei no outro lado da cama e, o senhor Brito sentou na cama, quando começamos a rir, o velho não reagia. Eu olhei para ele e ele não reagia. Nem um, nem dois. O sr. Brito abanou-lhe e ambos ficamos assustados, quer dizer, eu fiquei apavorada. Quando demos conta que em tinha morrido ereto, o senhor Brito mandou-me vestir e sair do quarto, que mandar-me-ia chamar depois.

E assim o fiz, eu vesti e sai, eu estava indo para o quarto, quando, encontrei a Laura na recepção com o Irineu. Cheguei nela, abracei-lhe e despedimos o Irineu.

Chegando no quarto, ela foi tomar banho, eu estava a espera da chamada. Quando, o telefone toca, era o senhor Brito dizendo que, estava tudo resolvido e que de manhã eu teria que ir lhe ver. Desliguei rápido porque a Laura estava saindo. Deitei e fechei os olhos, tapei-me até a cabeça e esperei o sono bater-me a porta. Eu fiquei revivendo aquele momento vezes e vezes, quando dei conta eu estava excitada e, já era de manhã. Eu notei que Laura tivera saído, porém não podia manifestar-me.

Indo à cozinha, de camisa de noite, encontro o José no corretor de boxers. Cumprimento-o e ficamos de conversinha, meio clichê mesmo porque, na verdade ele também estava todo teso e marcava-se. Eu estava cansada daquela conversa e, como o seu pênis não baixava, eu o beijei. Fui para cima dele em fortes beijos. Entramos para o quarto tentando não fazer barulho, pela Laura. E fomos diretamente ao quarto de banho. Ele beijou-me e levantou-me, eu fiquei com as pernas presas a sua cintura e começamos a foder aí.

Quando ele meteu as minhas mãos a prender o seu pescoço e levantou-me eu já sabia, em beijos e beijos, ele tirou o pênis, e começou a procurar onde deveria metê-lo. Logo notei que era grande. Quando entrou e, ele começou a meter todo, os gemidos foram inevitáveis. Ele começou devagar e começou a acelerar pouco a pouco, deu, deu, deu... depois, rasgou-me as alças da camisa de noite e, os meus seios estão todos destapados, ele meteu-me no lava a cara, toda aberta, e enquanto fodia-me, enquanto enfiava aquele grande pau na minha vagina, lambia-me os seios e brincava com os dedos na parte superior da vagina. Eu estava loucona.

Ele parava e chupava-me, depois voltava a enfiar e foder-me. Ele dizia que eu era gostosa de mais, que amou a minha vagina. E fodia com mais força perguntando se eu estava gostando. Ficamos aí por muito tempo. Quando saímos da casa de banho, a Laura já não estava no quarto, então fui tomar banho e me preparar e ele fez o mesmo.

Saindo do quarto, encontro-me com um dos hóspedes (quarto 297), e ele chama-me para dentro do quarto. Eu já estava satisfeita, então agi como uma empregada normal. Entrei e perguntei qual era o problema, ele disse que o problema era a sua tesão, eu fingi que não entendi, então, ele atirou-me na cama e, veio para cima de mim. Abriu os botes do uniforme e começou a lamber-me os seios, sempre que eu reclamava ele batia-me no rosto. Então, tentei gritar duas vezes, mas ele bateu-me.

Ele virou-me e pôs cuspe em seu pênis e enfiou-o no meu rabo. Eu gritei e apertei os lençóis da cama porque, não era um pênis pequeno. Ele enfiava-o todo, enquanto os meus cabelos puxava e tentava pôr-me

de quatro. Quando alguém rompe a porta. Entra fazendo confusão e manda seus capatazes tirarem aquele homem de cima de mim. Era o senhor Brito. Ele chegou perto de mim e pediu-me educadamente para me vestir e pediu a um dos seus homens para levar-me. Eu não sabia o que fariam naquele homem e não me importava, fui com o capataz do senhor Brito que, pediu-me para trocar de roupa e ir ter com a Laura a recepção.

Assim o fiz. chegando lá, encontrei o Gil e perguntei-lhe sobre a Laura, ele disse que não sabia e perguntou-me o porque das marcas no rosto. Enquanto eu inventava uma desculpa, olhamos para trás e vimos a Laura e o Irineu aos beijos no elevador, eu estava admirada. Assim que eles saíram, fui lá abraçar o novo casal, pois, ela merecia essa felicidade. Eu estava feliz por ela. Então, o Irineu diz que assumiria a recepção e a Laura convidou-me para ir as compras. Como negar depois daquele dia de merda?

Fomos as compras, ela pediu-me opinião sobre lingerie, frutas e comida e para uma surpresa para o Irineu. E eu pergunto sobre a mãe dela, ela diz que não sabia e decide que quer vê-la. Lógico que eu ia acompanhar. Só que a visita não foi tão boa assim porque, quando lá chegamos a mãe dela recebeu-lhe com três pedras na mão, choutou-lhe e ela ficou chocada. No táxi de volta, eu claro, consolei-a. Ela é minha irmã. Mas, como se não bastasse a mãe dela, ao chegar-mos no hotel nos deparamos com o Irineu e o Gil em socos. Ela vai separá-los e eu, com medo que lhe aconteça algo, vou atrás.

Após separá-los, as pessoas estavam olhando fixamente para eles, eu estava com medo que aquilo chegasse ao senhor Brito e ele despedisse a Laura. Então fui tentando acalmar as pessoas dizendo que era pelo salário. Apesar de que, o Irineu deixou um comentário altamente idiota. A Laura levou o Irineu para fora da recepção e depois de todos se irem embora, eu ataco Gil.

Ele deu-me respostas como, eu desconfio que ela é puta, porque ela sorria para mim, ela se oferecia para mim, e eu não hesitei e comecei a gritar com ele, quando, pouco depois a Laura volta. Eu fiquei admirada e perguntei onde estava o Irineu, ela diz que ele ficou com a Ana e eu achei estranho, porém, não comentei porque ela já estava nervosa então, abracei-lhe e tentei acalmar-lhe apenas.

### **Meses depois...**

Estava tudo bem, era um dia normal, eu fui transar com alguns hóspedes como qualquer dia. Já passava das 4 da tarde e eu queria descansar um pouco, e fui me dirigindo para o quarto, dentro do elevador, eu ouvi gritos da Laura. Assim que saí encontrei ela com o Irineu nos braços, caídos no chão, ela gritava por ajuda, e eu tentei ajudar-lhe. Mas ele morreu, eu ligava para a Ana mas ela não atendia, e o telefone do senhor Brito estava desligado, quando uma hóspede liga para a polícia porque deparou-se com cenário, é

compreensível, ela estava assustada. Porém, não demorou muito a polícia apareceu e a Ana atendeu. Quando ela chegou e viu o corpo do Irineu ficou admirada, mas algo chamou-me a atenção, ela acusar a Laura e o Gil. Eu entendo ela acusar a Laura, talvez por ciúmes ou algo do género, mas o Gil? Porque? Levei a Laura para o quarto e ficamos a noite toda acordadas, ela não conseguia dormir e eu entendo bem, mas antes das 5h ela dormiu, adormeceu nas minhas pernas. Meti-lhe bem aconchegada e sai do quarto, foi quando os rapazes estavam comentando que a Ana tinha sido levada ao hospital, que poderia estar morta e muito mais. As 6h, a polícia chega e a primeira coisa que pergunta foi sobre a Ana, o Gil explicou que ela foi levada ao hospital e que provavelmente estava morta. Então, o Sr. Agente que no dia anterior lá esteve, pediu para ir ao quarto de Laura, afirmou ainda que eu não podia acompanhar eles.

Então dirigi-os e fiquei na receção, eles demoraram muito. Quando eu queria subir para ir ver, o elevador estava descendo, e nós vimos a Laura a ser levada. Eu fiquei chocada. Pouco tempo depois, o senhor Brito chegou ao hotel, e mandou chamar-me. Lá eu comecei dirigi-me para o quarto, mas o Gil disse que era para o encontrar no parque de estacionamento. Eu fui assim, destruída, despedaçada e com esperanças de ele poder ajudar a Laura. Quando cheguei a parque de estacionamento não tinha ninguém, mas tinha um carro ligado no fim da garagem e lá fui ter. Quando cheguei, abriram a porta e eu recebi um tiro, eu não acreditava, mas sentia uma dor no meio do estômago, eu passei a mão e a vi coberta de sangue eu caí entre os carros e nem conseguia gritar, eles arrancaram com o carro e foram, deixando-me aí, morrendo.

FIM

Olá caro leitor.

Nós (autoras de crônicas de um hotel) esperamos que tenha gostado do livro. Viemos por esta explicar-lhe o mesmo, para melhor interpretação.

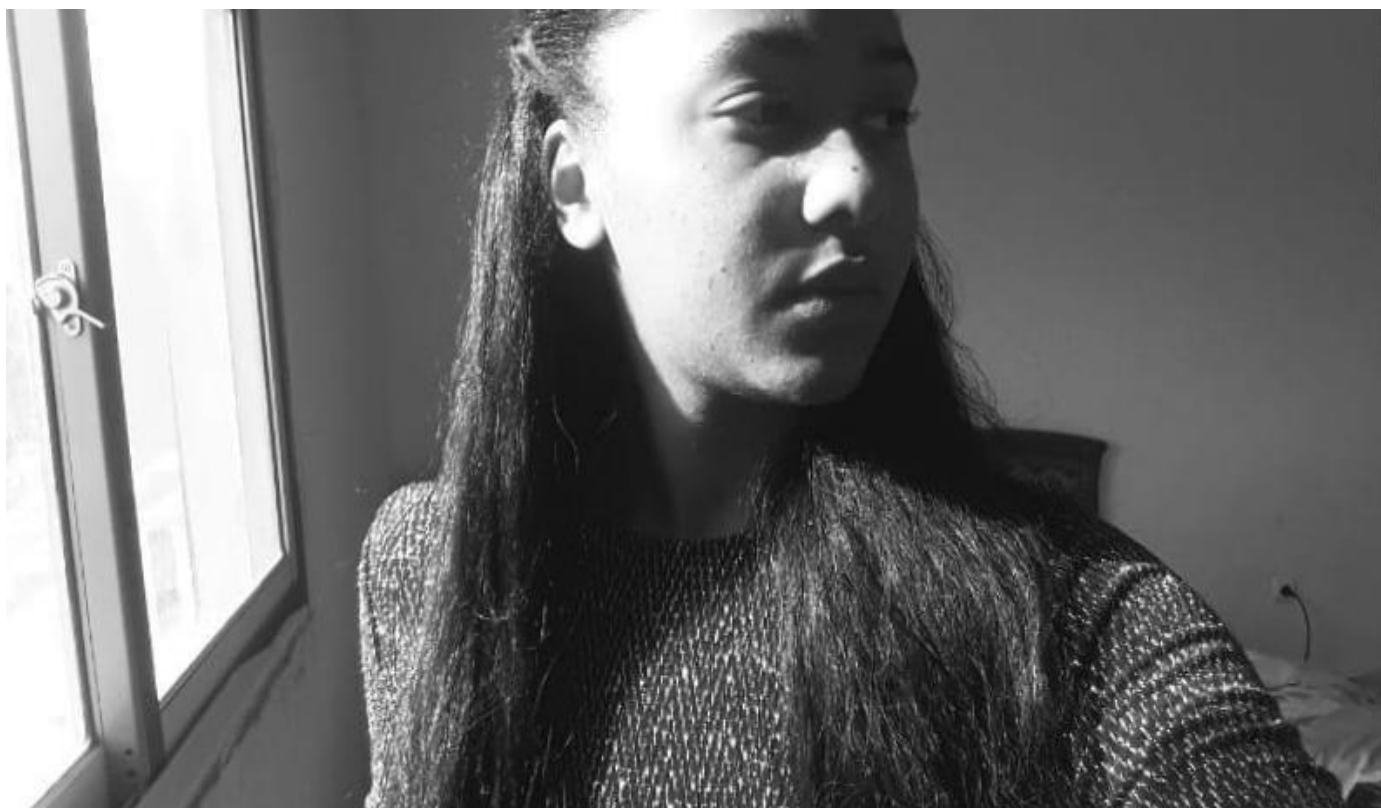
Cada conto contém a sua lição/s de moral, como:

**O conto de Anginji**, onde aprendemos a não falar com estranhos, não seguir as influências das nossas amizades, e o principal, devemos conversar sempre com os nossos pais de alguma maneira quando alguma coisa se está a passar.

**O conto de Ana**, onde aprendemos a não confiar nas aparências das pessoas, pois, nunca sabemos as suas reais intenções, aprendemos a não julgar as pessoas porque nunca sabemos de onde elas vêm ou os seus motivos para tal decisão (lição de moral para todos os contos).

Pedimos também que tenham em conta o seguinte: apesar da maior parte, ou todos cenários sexuais terem um final "feliz", sabemos que na realidade pode acontecer o contrário, mas decidimos colocar tais finais para não ser uma história deprimente.

Este é apenas o primeiro volume de Crônicas de um hotel, brevemente lançaremos o volume dois. Obrigada.



Diana C.V. Da S. Monteiro (Queen Di), 18 anos, estudante em Análises Clínicas. Residente de Luanda-Benfica.

**Facebook:** Diana Monteiro / Queen Di

**Twitter:** @diana.escritora

**Instagram:** DianaMonteiro09

**Wattpad:** Diana\_Monteiro

**Blog:** Indlovukazi GME

**Correio eletrónico:** [monteiod505@gmail.com](mailto:monteiod505@gmail.com)



Rafaela Djanira M. Manuel, de 18 anos, estudante de Arquitetura .

Residente em Luanda-Benfica.

**Facebook:** Raffaella Djanira.

**Twitter:** @DjaniraRafaela.

**Instagram:** Calydja\_

**Wattpad:** Rafaela\_janira.

**Correio eletrônico:** [djanimanuel@gmail.com](mailto:djanimanuel@gmail.com)



# Crônicas

## DE UM HOTEL

**CRÔNICAS DE UM HOTEL É UM CONJUNTO DE CONTOS ERÓTICOS.**

A NOSSA INVESTIGAÇÃO, PARA A CRIAÇÃO DESTE LIVRO ESTÁ BASEADA NA ATUAL MANEIRA COMPORTAMENTAL DE ALGUNS JOVENS DA NOSSA SOCIEDADE. OS CONTOS PRESENTES NESTE LIVRO, POR SUA VEZ, CONTÊM LIÇÕES DE MORAL, PORÉM, DIFERENCIADOS.

OS MESMOS ESTÃO FOCADOS EM UM PONTO DE VISTA SOCIAL E PESSOAL. VIVE NELES UM ESPÍRITO DE PRAZER, ADMIRAÇÃO, ATRAÇÃO E MUITO MAIS. CAROS LEITORES,

O ESCRITO MOSTRA ALGUNS CENÁRIOS QUE TÊM ACONTECIDO, POR ISSO, A INTERPRETAÇÃO DE A À Z ESTÁ NA OPÇÃO DE CADA UM DE VÓS, LEMBRANDO QUE O CONTEÚDO NÃO É PARA MENORES DE 18 ANOS.

**CONTACTO DE  
RAFAELA DJANIRA**

✉ [DJANIMANUEL@GMAIL.COM](mailto:DJANIMANUEL@GMAIL.COM)

📘 RAFFAELLA DJANIRA

🐦 DJANIRARAFELA

**CONTACTO DE  
DIANA MONTEIRO**

✉ [MONTEIROD505@GMAIL.COM](mailto:MONTEIROD505@GMAIL.COM)

📘 DIANA MONTEIRO / QUEEN DI

🐦 DIANA.ESCRITORA



**NEY PASCOAL  
DESIGNER**

